

SERROLÂNDIA
A HISTÓRIA EM HISTÓRIAS

Rodrigo dos Reis Nunes

RODRIGO DOS REIS NUNES

**Graduado em Letras com Inglês pela Universidade do Estado da
Bahia – UNEB/Campus IV – Jacobina/BA**

**Pós-Graduado em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa
pelo IBPEX.**

AGRADECIMENTOS

De Deus, obtenho minhas forças em todos os momentos.

**Agradeço a minha família, amigos e todas as pessoas que direta
ou indiretamente contribuíram para a realização desse humilde
trabalho.**

REVISÃO

MARIA JOSÉ CORDEIRO ARAÚJO MAIA

MARIA LUÍZA LIMA DE SANTANA

MARIANA CRISTINA DOS REIS ANASTÁCIO

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

**RODRIGO DOS REIS NUNES
CLAUDENIR DOS REIS NUNES**

MONTAGEM E EDIÇÃO

RODRIGO DOS REIS NUNES

MARIANA CRISTINA DOS REIS ANASTÁCIO

MARIA JOSÉ CARDOSO DOS SANTOS

APRESENTAÇÃO

SERROLÂNDIA: A HISTÓRIA EM HISTÓRIAS é um resgate da memória de nossa terra que tenta unificar multiplicidades de relatos sobre o nosso município, de forma simples e utilizando-se de uma linguagem acessível a todos, onde o autor procurou trazer à tona os mais intrigantes problemas que envolvem a nossa história, através de entrevistas, pesquisas, deixando de lado dados estatísticos, que nem sempre é compreendida por todos.

A presente obra, fruto de um trabalho minucioso, aborda o tema de forma clara e objetiva, e ao mesmo tempo profunda, analisando todas as hipóteses imagináveis correlatas ao assunto. O autor desenvolve uma linha de raciocínio que nos conduz à perfeita compreensão de sua pesquisa, partindo dos antecedentes históricos até os dias de hoje.

A primeira coisa que chama a atenção do leitor dessas memórias é a sinceridade, patente não apenas na intenção do autor, mas na maneira direta e desataviada que ele encontrou para exprimi-la.

É com imenso prazer que apresento a vocês este livro que só engrandece a nossa cultura e o desenvolvimento da nossa querida Serrolândia.

Maria José Cordeiro Araújo Maia

Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS IV

Pós-Graduanda em Metodologia da Língua Portuguesa e Literatura pelo IBPEX.

...E no ano de 1929 brota uma história de luta, solidariedade, conflitos e insistência. Um desejo coletivo é despertado de se fazer história por muitos que queriam ver um lugar se transformar numa terra de paz, harmonia e fé.

Repletos de simplicidade, convictos da fé que possuíam, resolveram proclamar que tão belo lugar – hoje o Monte Serrote – seria o marco da fé, da inocência e espontaneidade de crer do povo do sertão que sofria com a seca, com a pobreza, mas que não deixava que a tristeza os assolasse.

E assim, através de encontros familiares, de amigos, de compadres, comadres, vai solidificando o desejo de transformar aquele lugar num centro de oração. Assim o fizeram. Para representar um sentimento puro - a fé - foi colocada uma cruz num monte que se destacava pelas pedras em forma de serrote.

E hoje, dotado de um desejo de cidadão serrolandense, interesse-me em relatar e em me encantar (ainda mais) com a vida da pequena cidade do Estado da Bahia chamada Serrolândia, que carrega fantástica e admirável história. Façamos a história acontecer, imirjamos em fatos e impressões, sentidos e crenças desta terra da gente.

Aqui, vamos entrar na história de Serrolândia e em outros fatos. Assim, é uma antiga e magnífica história “enxertada” a uma nova e surpreendente outra história.

Convido você a se conectar nessa teia de informações, afirmações, de amor e tristeza, conflitos, tudo isso que nos faz ser um pouco Serrolândia, a adentrar nessa “ecológica” narrativa, na mistura de história, vida, comicidade, esperança, riso e loucura, nos mais interessantes fatos e atos, onde o fictício é fantástico e o real não é estático.

Nessa retentiva de amores vários, mergulhei em histórias daqui e de acolá, nos mais profundos sentimentos, frentes e avessos da vida. Mas agora, caro leitor, você é o responsável pelos caminhos que ora passa a construir no decorrer do desfrute deste texto. Uma boa leitura e um bom retorno!

...A garota apaixonada passou a viver isolada do mundo e sozinha, sempre pensando no seu grande amado, mas sabia que de agora em diante só podia tê-lo em seus pensamentos e em suas poesias...

Bem, acho que de qualquer maneira tenho que começar essa história, não posso ficar numa introdução o tempo todo. Apresentar-me-ei a você, caro leitor. Meu nome é Rodrigo dos Reis Nunes, moro na cidade de Serrolândia... Ops! Acho que essa descrição não é mais necessária, o melhor é falar sobre o que eu irei escrever.

Na verdade, falarei sobre Serrolândia, uma pequenina cidade no interior da Bahia, cerca de trezentos e vinte quilômetros de Salvador, capital do Estado.

Tenho também uma grande novidade para você... Não é fácil fazer sozinho uma pesquisa, então convidarei uma grande amiga minha, ela ainda não sabe, irei à sua casa convidá-la, não sei se aceitará, mas tentarei. Fique torcendo para que tudo dê certo, quer dizer, que a minha amiga aceite o meu pedido. Tirarei uma soneca e amanhã bem cedinho irei até à casa dela para fazer-lhe o pedido, até daqui a pouco...

No dia seguinte...

Levantei bem cedinho e viajei para Fortaleza, quando lá cheguei, toquei a campainha e de repente, quem abriu a porta? ANA, a minha amiga. Fazia muito tempo que não nos víamos, abraçamo-nos, conversamos, foi muito legal. Ela não acreditou que eu fora visitá-la.

- Que surpresa Rodrigo!

E aí, Aninha, como estão as coisas?

- Tudo bem! É muito bom tê-lo aqui.

Tenho um convite a fazer para você que acho que você vai adorar.

- Qual? Conte logo. Já fiquei ansiosa.

Tudo bem. Não sei se ainda lembra, mas há um ano, comecei a contar sobre você, lembra?

- Parece até brincadeira. Como é que uma pessoa fala sobre mim e em um ano eu esqueço?

Pois é, só que agora preciso da sua ajuda para juntos, contarmos a história de Serrolândia...

- Serrolândia? Sua terra, onde você vive?

Você terá até a oportunidade de conhecer a cidade onde vivo e conhecer pra valer, pois teremos que fazer pesquisa, entrevista... para podermos descobrir muitas coisas. E aí, está disposta?

- Claro! Quer dizer... quem cuidará da minha casa, das minhas coisas... da fábrica?

Façamos o seguinte, pense no que pode fazer para me ajudar nesse projeto e ligue para mim. Dê um jeitinho que só você é capaz de fazer.

- Só você mesmo Rodrigo, pra me tirar dos meus afazeres... Mas você ficará aqui hoje e voltará para a Bahia amanhã, não é?

De manhã, bem cedinho, eu retorno.

- Farei o que puder pra te ajudar, tá certo?

OK!.

Ficamos um tempão conversando e eu expliquei tudo a ela como seria, o que faríamos, quando começaríamos e mais outros assuntos. E você, leitor, já deve estar também ansioso para que a história comece, não é verdade? Mas espere só um pouquinho, preciso da resposta de Ana.

Voltei para Serrolândia e esperei a resposta de Ana.

Dois dias depois...

Quando o telefone tocou, algo já me dizia que seria ela, atendi. Na verdade, não sabia qual seria sua resposta, então comecei a rodear, para ver se conseguia descobrir alguma coisa, só que Ana já me conhece.

- Não precisa ficar rodeando Rodrigo, eu te darei agora a resposta. Só por um mês no máximo, tudo bem?

Isso quer dizer um sim?

- Sim, é um sim.

Não se preocupe, acho que em um mês conseguimos fazer as pesquisas necessárias. Você é demais Ana! Mas afinal, quando você vem?

- Provavelmente estarei aí em dois dias, preciso arrumar algumas coisas, tá bem?

Sem problemas, eu sabia que não ia me decepcionar. Até mais!

Esperei esses dois dias, ansioso. Enquanto Ana não chegava, resolvi entrar em contato com algumas pessoas que poderiam me ajudar, com muita sorte, consegui contatar quase todas as pessoas que estavam em minha lista.

Dois dias depois, Ana chegou. Junto com ela veio André, um amigo dela de trabalho que se interessou pela pesquisa e se prontificou a nos ajudar.

- Rô, há algum problema? Eu trouxe André, ele acabou de entrar de férias lá na fábrica e me pediu para vir, não tive como dizer não, me disse até que nos ajudaria no que fosse preciso. É um pouquinho cabeça-dura, mas é uma ótima pessoa.

Tudo bem, não tem problema algum. Sentaremos esta noite para arrumarmos tudo, como faremos um roteiro das pessoas que vamos procurar, o que perguntaremos a elas, como organizaremos as entrevistas...

Antes de começarmos o trabalho, gostaria de explicar como serão divididas as falas.

Bem, a minha, como vocês já viram, é normal, sem travessão, sem itálico, sem negrito. A fala de Ana tem um travessão. As de André serão em itálico, sem travessão. As de quaisquer outros personagens serão em negrito e com travessão. Entendido? Ótimo!

Na segunda-feira à noite...

Tivemos eu, Ana e André, uma pequena reunião para decidirmos como iríamos trabalhar no dia seguinte.

- Rodrigo, como será este trabalho? Será dividido em partes ou não? Haverá que tipo de informação?

É o seguinte, vamos nos dividir, ou seja, vamos entrevistar as pessoas e conseqüentemente transcrever o que elas disserem, depois juntaremos os relatos...

Mas você já sabe como vai começar, o que vai escrever?

O problema todo é esse, André.

Risos...

Mas daremos um jeito, as idéias vão surgindo aos poucos. Se eu já soubesse como tudo seria, não teria sentido algum.

- É verdade.

Então, vamos dormir para que amanhã estejamos prontos para começarmos a nossa jornada de pesquisa, e muito trabalho. Combinado?

Combinado!

- Combinado!

Enfim, meu caríssimo leitor, daremos início a uma história guardada nos corações de muitos serrolandenses. Tentaremos despertar o desejo de amor à terra onde vivemos.

Na manhã do dia seguinte...

Acordem, preguiçosos! [até parece que não o sou também]

- Por favor Rodrigo, deixe-me dormir mais um pouco!

Até você, Aninha?

- Está bem... vou levantar... E André?

Aguarde só um pouco, eu já o acordo.

- Duvido que vá conseguir.

Ótimo. Eu entro na onda então.

Consegui acordar Ana e André e fomos tomar café.

Ainda no café da manhã...

Olha, estive pensando como iniciaremos o nosso trabalho e resolvi o seguinte: como eu já havia dito para vocês, nós vamos fazer as entrevistas com as pessoas mais velhas de Serrolândia, com algumas pessoas que se destacam hoje no município, parentes dos fundadores. Certo?

- Ótimo!

Mas como vamos encontrar essas pessoas?

Ué, perguntando!

- Quer dizer que vamos sair às ruas de casa em casa, perguntando se alguém sabe de algum relato sobre a fundação de Serrolândia?

Não. Vocês já sabem quem foi, oficialmente, o fundador de Serrolândia, não sabem?

- Isso sim. Rô, inclusive eu gostaria de elogiar a belíssima obra **SERROTE DE ONTEM SERROLÂNDIA DE HOJE** do escritor **DIOMEDES PEREIRA DOS REIS**. Ele é filho de Serrolândia?

Com certeza! Além de tudo, ele foi o pioneiro. Escreveu uma obra completa sobre Serrolândia. O livro dele é muito rico em informações. Quem não conhece Serrolândia, passa a conhecê-la a partir desse importantíssimo livro.

É verdade! Até eu que não gosto de ler e não conhecia muita coisa sobre esta cidade, agora estou por dentro de muitas coisas e gostei muito de ler a obra. Para vocês não falarem que

estou mentindo, o fundador de Serrolândia foi Jerônimo Moreira Mota junto com outras pessoas.

- Muito bem Dré. Você está me surpreendendo!

Risos...

Então, voltando ao que estávamos discutindo, eu fiquei sabendo que mora aqui em Serrolândia um neto de Jerônimo e uma sobrinha dele!

- Verdade?

Verdade. Daí nós podemos perguntar a eles se conhecem alguém que poderia enriquecer nosso trabalho.

- Boa idéia!

Legal.

Além disso, conheço o primeiro prefeito e acho que podemos entrevistá-lo.

Nossas entrevistas se fundamentarão principalmente nos aspectos sócio-culturais. Vamos falar da religião, da política, das festas, da natureza e muitas outras coisas.

- Vi que se inspirou bastante na última noite, não foi?

Ah, minha amiga, contando com sua ajuda tudo fica mais fácil!

- Não comece!

Começar o quê?

- Dré, é uma história muito longa.

Para não ficarmos de "papo-furado", vamos ao trabalho? O primeiro passo é saber como foi o processo de fundação de

Serrolândia e para ficarmos mais por dentro, vamos até a casa do neto de Jerônimo.

Aninha, você poderia pegar o gravador, as perguntas e o classificador que estão em cima da minha cama?

- Meu Deus. Até as perguntas já foram formuladas por você na última noite?

Não posso dormir no ponto, também estava empolgado para começar esse trabalho e não consegui dormir direito, quer dizer, fui dormir bem tarde.

Então vamos?!

- Vamos.

É o jeito... brincadeira!

Dirigimo-nos à casa do neto de Jerônimo, chegando lá, falamos do que estávamos precisando e ele nos recebeu muito bem. Fizemos a entrevista.

Nome completo:

- **Reinaldo Moreira de Lima.**

Qual o seu grau de parentesco com Jerônimo Moreira, o fundador de Serrolândia?

- **Eu sou neto dele.**

Você ouviu a história de erguer uma cruz no Monte Serrote? Como foi? E o processo da roçagem, das primeiras casas?

- Certo dia, o cunhado de Jerônimo se levantou, né, e viu uma paisagem muito bonita sobre a serra, essa serra tinha o nome Serrote, porque ela era realmente em formato de serrote. Ele ficou encabulado com aquela paisagem, aí chamou a esposa de Jerônimo, minha avó, Zulmira: "- Olha Zulmira, que coisa bonita ali sobre a serra", aí a velha resolveu acordar o velho. E disse a ele: "- Vem ver Jerônimo! Que é que tá ali, ó, sobre a serra?" Aí padrinho,

meu avô, vendo aquilo, parou e meditou e achou bem dar uma resposta aos dois, né: “- Aquilo ali tá parecendo ser uma coisa celeste, tá pedindo uma coisa e essa coisa eu já sei o que é, é um cruzeiro. Eu vou fazer um cruzeiro e vou convidar o povo, meus amigos daqui da região e vou levar até lá”. E assim ele fez, cortou madeira lá na casa dele e aí convidou as pessoas, né. No dia, veio tanta gente que o cruzeiro foi levado assim, na ponta dos dedos. Daí então começou, né. Esse terreno dividia com um parente dele, se me recordo seria Joaquim, uma assim, então de Dió para cá pertencia ao meu avô, de Dió para lá pertencia ao meu parente. Os dois juntos acharam por bem, doar o terreno para a futura cidade. Eles vinham prometendo a quem ajudasse na roçagem, dar um chão de casa e assim foi, né. O velho Amário Bispo Vieira, a família Vieira, eles ajudaram muito na roçagem, inclusive o velho Amado, esse comandava o pessoal dele lá e deu um chão a cada um depois de receber do meu avô uma área bem grande, fizeram casinhas e... assim formou Serrolândia, aquelas barraquinhas.

Fizeram depois uma festa comemorando o padroeiro São Roque, e aí foi crescendo, algumas pessoas querendo mudar a atitude do meu avô Jerônimo, querendo que Serrolândia fosse diferente do que é, até apelide como *Pilão sem Tampa* colocaram aqui para desestimular o meu avô, o vêi Jerônimo, ele não gostou, né? Queria mudar pra Salamim, ele achou que não, até que a coisa passou a sério mesmo e... depois veio o sindicato, os parentes que não queriam que Serrolândia se erguesse, a esposa dele foi medicada pelos médicos do Sindicato, então meu avô dizia: “- Tá vendo? Vocês não queriam que Serrolândia fosse aqui? Olha médicos, sindicato!” e os parentes do meu avô ficaram calados, não podiam dizer nada e aí vieram outros, Waldetrudes, Leopoldo, Leopoldo foi um dos que construiu muitas casas aqui. Veio também o... o... o pai de Flori que eu não me lembro bem o nome, João Batista, né? Foi um dos comerciantes daqui. Inclusive esse Açude Serrote ele fez parte quando ele solicitou através de requerimento e

também tem uma série de participações para o crescimento de Serrolândia, mas o fundador, o verdadeiro fundador de Serrolândia, foi o meu avô Jerônimo Moreira Mota.

As pessoas eram amigas umas das outras ou havia muitas brigas entre os fazendeiros da época?

- Os fazendeiros daqui sempre foram amigos, pessoas pacíficas, né? Houve discórdia na época da construção de Serrolândia porque havia outras pessoas querendo mudar o meu avô, a idéias, mas... não foi coisa séria, não. Houve um tempo que houve muitas brigas, porque tinha muita gente de fora, foi na construção do Açude Serrote, pessoas diferentes, veio pra qui, aí... naquela época não havia pessoal civilizado, pessoal grosseiro e brigavam mesmo, né?. Todo final de semana a gente via briga aí, mas com o pessoal de fora, aqui mesmo não...

Qual a sua idade na época?

- Eu era garoto, rapaz, eu deveria ter treze anos, catorze, mais ou menos.

Como neto do fundador de Serrolândia, o que o senhor acha do descuido com o Açude Serrote, com o Monte Serrote, que foram marcos ao início de Serrolândia?

- O Açude Serrote, o que aconteceu foi que o DNOCS se modificou querendo até passar para o município, né? O Açude, porque ficou sendo um órgão desativado, mas não pode deixar de dizer que o Açude Serrote ajudou muito no crescimento de Serrolândia. Se não fosse o Açude Serrote, Serrolândia não teria tomado impulso, chegou o ponto de hoje receber o título de Serrolândia.

E a questão do monte que está sendo destruído?

- O Monte não pode ser destruído, absolutamente, inclusive tem um projeto aí proibindo o desmoronamento, a depredação do Monte, porque não pode por hipótese nenhuma, se já tiraram alguma coisa, tem de ser estagnado aí, não pode mais. Tem que se criar uma lei, uma lei proibindo o desmoronamento do monte e eu acredito que isso vai ser conservado, o respeito à lei e também um ponto histórico de Serrolândia é o Monte, não pode ser destruído assim, porque na realidade se deixar, vão

destruir. Acredito que autoridades dessa terra não vão deixar destruir uma das coisas que tem sentido na vida histórica de Serrolândia.

Obrigado!

- Obrigada!

Valeu!

Depois que entrevistamos Pretinho, como é conhecido, fomos atrás da sobrinha de Jerônimo. Fomos a casa dela, mas não a encontramos, deixamos o recado que passávamos lá depois, quando estávamos saindo, ela chegava.

Oi, soubemos que a senhora é sobrinha de Jerônimo, é verdade?

- **Com certeza!**

- A gente podia conversar um pouco com a senhora?

- **Oxi, pode!**

Seu nome completo:

- **Anatália Maria dos Santos.**

Quantos anos a senhora tem?

- **75 anos.**

A senhora lembra da época, costumava freqüentar a casa dele quando criança?

- **Aí é porque eu não tô lembrada, mais nessa base de uns oito ano, por aí assim. Eu era a mais nova. Adispois quando ele já tava já saiu veio aqui morar na rua, foi uma tia morar lá em 52, eu frequentava, 52 pra 53 eu frequentava a casa dele lá, lá na Varje D'água.**

O nome da fazenda em que eles moravam?

- Jerôme?

Sim.

- Varje D'água. Não era nem Varje D'água, era Lagoa da Varje D'água.

A senhora lembra como era o Monte Serrote?

- O Monte a gente avistava de qualquer lugar, só não avistava mais porque lá tinha mata. Tinha pé-de-pau que ói...

Tinha muito animal, onça...?

- Aí eu nunca vi onça não, agora meu avô me disse que tinha suçarana, tinha suçarana. O Monte era a oca da onça, agora ôta onça eu num sei se ele viu, agora suçarana sim.

O povo festejava muito? Havia alguma data que o povo gostava de comemorar...?

- Eu lembro que meu avô fez uma premissa, logo quando fizeram esse cruzeiro, veio foi um acompanhamento de lá de bumba, foi uma festa muito grande. Saiu da fazenda do meu avô Antônio Moreira Jordão.

Então quer dizer que havia muito bumba, música, cantiga de roda...?

- Era, havia musca. Eu brinquei muita roda.

A senhora prefere aquela época ou acha que hoje as coisas estão melhores? Mudou alguma coisa?

- Mudou. Aos dinheiro, que nesse tempo nenhuma criança pegava ni um real e hoje as criança pega até ni dez.

E a questão da seca, era o maior problema na época, não era?

- Maior probrema. Eu já passei... em 32 eu era novinha, me lembro que meu pai levou nós, mais de 52 pra cá, vixe, 52 nós sofremo, uma seca grande mesmo, foi quando viero fazer esse Açude aí.

Então quer dizer que a senhora é sobrinha de Jerônimo Moreira Mota?

- É subrinha de Jerôme Moreira.

(Entrevista realizada em 02/10/2002).

- Muito obrigada!

Obrigado

Estávamos cada vez mais interessados pela história de Serrolândia. Ana queria descobrir coisas a todo tempo. Sempre que entrevistávamos as pessoas, perguntávamos se conheciam mais alguém e sempre havia uma indicação. Mas como estávamos começando, resolvemos voltar para casa para pesquisar e discutir, quer dizer, André saiu com a máquina fotográfica tirando foto de tudo que ele achava legal.

Algumas horas depois...

Rodrigo, gostei muito de andar em Serrolândia!

- Será que realmente foi Serrolândia que te interessou ou foi alguém que mora nesta cidade?

Lá vem você, não é Ana?

Por que, Ana? Que colocação é essa? É alguma coisa que eu não posso saber?

- Que nada, Rô, deve ter sido alguma menina que ele viu e se encantou pela garota sem sequer conhecê-la ou ter falado "bom dia!". Mas está certo, Dré, precisa se divertir mesmo, eu, como não tenho mais idade para isso, tenho que simplesmente...

Simplesmente o quê, Ana?

- Cê quer o quê, Rodrigo? Tu é muito novo, André também e eu com trinta e quatro... Tem alguma diferença?

Tem! Você já viveu mais tempo, já sofreu mais que nós e por isso é bem mais cabeça.

Esse papo todo é só porque eu disse que gostei de passear em Serrolândia? Acho que sairei escondido agora ou então não comentarei mais nada!

- Calma, calma!

André, vamos almoçar e logo depois do almoço, iremos ao açude.

Certo. Mas esse açude é famoso...

Tenho muitas informações para te dar sobre essa grande obra que foi feita em Serrolândia, mas vamos almoçar.

No almoço...

- Eu estou me surpreendendo com uma pessoa que está aqui almoçando conosco.

Sim, Ana. Só almoçam agora, eu, você e Rodrigo. Ou sou eu ou Rodrigo.

Risos...

Depois do almoço, fomos ao conhecido Açude Serrote. Ana e André ficaram encantados.

- É muito bonito. Quando foi construído?

Em novembro de 1950.

Mas em 1950 essa era uma grande obra para o lugar, não era, Rodrigo?

Com certeza, André! A obra só foi concluída oito anos depois.

- Mas teve um engenheiro, alguém que acompanhou tudo isso, não houve?

Foi Arlindo Pinheiro. O Açude Serrote suporta até 10.800.000m³. Também temos um órgão responsável pelo Açude Serrote, o DNOCS.

- Que tal se fizéssemos algumas perguntas ao secretário, representante, diretor, sei lá... da pessoa que administra o DNOCS? Onde fica, Rô?

Ali pertinho. Boa idéia, Ana. Vamos passar por lá. Mas antes eu queria dizer que essa água, apesar de ser salobra, ajuda muitas pessoas, na pesca, na lavoura, na época da seca. Tire algumas fotos André e vamos passar lá no DNOCS.

Deixe comigo!

A sua idéia foi legal, Ana, pois tiraremos a nossa dúvida do porquê dessa riqueza serrolandense estar tão descuidada. Vocês sabiam que Serrolândia era abastecida por estas águas e que depois da água doce, esqueceram a importância de tudo isso aqui?

- Quer dizer que não há um projeto de conservação dessa água?

Se há, não sabemos. Mas para não tirarmos conclusões precipitadas, vamos à casa do diretor do Departamento Nacional de Obras Contra Seca.

Será que ele vai querer nos dar informações?

Tá doido, André? Não é possível que ele não vá querer nos responder alguma coisa!

- Vou bater na porta!

Bata!

Ana bate na porta...

- Oi! Gostaríamos de falar com o diretor do DNOCS, é possível?
- **Claro! Sou eu mesmo. O que vocês gostariam de saber?**

É porque eu estou fazendo uma pesquisa, junto com meus amigos aqui, que fala sobre Serrolândia e estávamos no Açude Serrote, então lembrei que poderíamos obter mais algumas informações, já que é você que administra o Açude e o DNOCS. Podemos fazer algumas perguntas?

É...

- É, o quê, André?

Nada não!

- **Podem, com certeza!**

Faça a entrevista, Ana!

- Tudo bem!

Seu nome completo?

- **Hudson Pereira Mendes**

- Qual a verdadeira função do DNOCS?

- **Construir açudes para combater a seca e incentivar a irrigação. DNOCS significa Departamento Nacional de Obras Contra Seca.**

- Há quanto tempo você trabalha pelo DNOCS e quanto tempo pelo DNOCS de Serrolândia?

- **Eu trabalho no DNOCS desde abril de 1982, ou seja, há 20 anos e em Serrolândia, cheguei em 1997 (5 anos).**

- Há algum projeto ou plano no combate à seca aqui no município de Serrolândia?

- **Não tenho conhecimento, a não ser através da Prefeitura.**

- A conservação do Açude Serrote cabe ao DNOCS, à Prefeitura, aos governos Federal e Estadual ou a todas essas entidades?

- Na realidade, a conservação deveria ser feita pelo DNOCS, mas a falta de recursos materiais, isso não é possível e algumas coisas são através da Prefeitura.

- Qual a importância do Açude Serrote para o município de Serrolândia? É importante mantê-lo como fonte de renda e até ponto turístico?

- A importância do Açude Serrote é que foi construído em uma região muito seca para atender a população no sentido de irrigação, abastecimento d'água, assistência aos animais e muitas outras coisas que se torne útil a todos nós. Quanto à fonte de renda, a única coisa explorada é a pesca que ultimamente se tornou escassa por culpa dos próprios pescadores que usam redes impróprias para a pesca e não deixam os peixes crescerem e se reproduzirem. Como hoje não há fiscalização por falta de material humano, se torna difícil o controle dessa irregularidade. Já tentamos conscientizar os mesmos, conversando corpo a corpo com todos eles, mas não adiantou e por este motivo a fonte de renda que é a pesca, se torna cada vez mais difícil.

Quanto ao ponto turístico, é permitida sim, a construção de Quiosques, praias, às margens do açude através de autorização prévia do DNOCS. Aí só depende do interesse de alguma pessoa particular ou até a própria Prefeitura ter a iniciativa para organizar e colocar pra funcionar.

- O que você acha da cidade de Serrolândia?

- Quanto a minha vinda para Serrolândia, é porque eu já conhecia a cidade e pedi minha transferência pra cá. Hoje não estou arrependido, pois sou uma pessoa muito comunicativa e adoro fazer amizades e Serrolândia tem um povo muito acolhedor. Claro que em Serrolândia se tem dificuldades de muitas coisas, mas é uma cidade maravilhosa.

(Entrevista realizada em 13/10/2002).

- Muito obrigada!

Obrigado, Hudson!

Valeu, cara!

Eu sei de um senhor que ajudou na construção do Açude Serrote, vamos na casa dele?

Vamos.

- Claro!

Fomos à casa de seu Godofredo – um dos funcionários da construção do Açude Serrote – e batemos à porta, sua mulher nos atendeu, explicou tudo direitinho a ele e nós começamos a entrevistá-lo.

Seu nome completo?

- **Godofredo Ferreira da Silva.**

Quer dizer que o senhor foi uma das pessoas que ajudou na construção do Açude Serrote?

- **Foi.**

Como era feito o trabalho? Quantos homens trabalharam mais ou menos?

- **Rapaz... eu não lembro a quantidade de gente, não, agora trabalhou um bando de gente.**

Levou muito tempo? Quanto tempo mais ou menos para a construção do Açude Serrote?

- **Levou uns cinco anos.**

E a alimentação? Como era feita? O senhor comia lá mesmo, vinha em casa almoçar...

- **Eu vinha em casa comer que eu morava lá no empreste mesmo, tinha minha casa lá. Agora esses otos que vinha de fora trazia a muchilinha de farinha com a carninha.**

E o que o senhor acha do desleixo que hoje está o Açude Serrote?

- Um desrespeito com o povo, né?

Como o senhor acha que era Serrolândia na época da construção e como está Serrolândia hoje, melhor, pior...?

- Ah, hoje tá melhor, né, porque de fato as coisa hoje tá de outro jeito, a cidade tá maior.

Como foi construída a “banca” do Açude Serrote?

- Foi muito trabalhoso. Foi tirando aquela terra vermelha, cavando do Empreste e levando pra lá e nós pilano de pilão, ói.

Então quer dizer que cavava o Empreste e levava para o Açude?

- Era. Era Neci que levava. Ele pegava no carro, despejava lá. Tinha uns negocinho como um pilão e aí nós pilano, passava o dia todo, cantava, pintava a disgrama.

Obrigado.

De nada!

(Entrevista realizada em 03/10/2002).

Voltamos para casa comentando acerca da questão do açude.

Analizando a entrevista de Hudson, percebemos mais uma vez que é preciso perguntar, se informar, para não tirarmos nenhuma conclusão precipitada.

- Com certeza, Rô. O Açude Serrote é uma riqueza para Serrolândia. Só penso que deveria, não sei se a Prefeitura ou o DNOCS, criar um projeto pra conservação daquele lugar que é muito bonito e muito importante também.

Você percebeu que até a área onde Hudson mora é muito espaçosa? Ali dá para fazer muitas coisas interessantes...

O quê, por exemplo, Rodrigo?

Ah, não sei. Talvez um centro de pesquisa do solo, um centro de conscientização sobre a pesca, sobre a fauna, a flora. Acho

que tudo isso está envolvido com essa área e seria utilíssimo para Serrolândia e para a preservação da natureza da região.

Rodrigo, você me lembrou bem sobre a questão da fauna e flora. É uma pena, mas há muitas queimadas todos os anos aqui na região de Serrolândia, pois os agricultores com a idéia de solo fértil, estão acabando com as matas e com as árvores.

Boa observação, André! É verdade, eles não sabem que o solo quando queimado, se mostra fértil apenas nos primeiros anos, logo depois, quando chove, todos os nutrientes que as plantas necessitam, são levados pelas enxurradas já que com as queimadas, esses nutrientes ficam sobre o solo.

Bem, já que estamos falando sobre flora e fauna, vamos para casa agora pesquisar sobre o solo, relevo, vegetação, animais e outras coisas relacionadas. O que acham?

Boa idéia, eu tô com fome!

- Estava demorando...

Acho que também estou...

- Meu Deus do Céu! Estou com dois famintos atrás de mim!

Será que você não come também não, Ana queridinha?

- Só você mesmo, Ana, pra discutir com André!

Voltamos para casa, comemos alguma coisa e voltamos pra pesquisar em livros e na Internet sobre questões de solo, relevo... da região de Serrolândia.

Pesquisando...

Olha gente!

- O que foi, André?!

Encontrei alguma coisa aqui! O município de Serrolândia é banhado pelo Rio Jacuípe.

Ah, André, com certeza!

- Então isso é ótimo para Serrolândia!

Com certeza, Ana. O povoado de Maracujá fica muito perto desse rio e com isso, tanto Maracujá, outros povoados de outros municípios quanto toda a região, se beneficiam através da pesca e da lavoura.

A nossa região é semi-árida. Você está anotando todas estas informações, Ana?

- Claro! Se depois você entender minhas letras...

Imagino!

Voltemos ao assunto?

Oh, Rodrigo, e a vegetação?

A vegetação predominante é a caatinga. Uns chamam de Caatinga-Floresta Estacional. É uma pena que muitas matas estão sendo destruídas.

- É verdade, Rô. Se já há dificuldades para chuva nessa região, mais difícil ficará com a destruição das matas.

Olha, aqui tem uma informação sobre o tipo de relevo.

Que informação?

O relevo do município de Serrolândia é composto de Tabuleiros Interiores, Patamar do Médio Rio Paraguaçu.

- Eu estou me surpreendendo com André!

Outra coisa, o solo é muito fértil. Se não há seca, é possível produzir muitas coisas. Na verdade, o que falta é um pouco mais de preocupação por parte dos políticos no combate à seca, pois possuímos solos férteis, onde podemos plantar muitas coisas, criar vários tipos de rebanhos e muitos, pouca coisa fazem. Precisamos acreditar no nosso querido Antônio Conselheiro quando diz: "O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão", mas acreditar também que podemos buscar nossos direitos e o que está faltando na nossa terra é competência e dignidade humana de muitos.

- Adorei sua colocação, Rodrigo, e a citação também.

Ah, sobre tudo que estamos discutindo agora, tenho uma coisa muito importante para falar para vocês. É relacionado ao ouricuri, uma importantíssima fonte de renda na época de Serrote e até mesmo nos dias atuais. O que é interessante nisso tudo é que aquele pequeno coquinho não só é conhecido por esse nome como também por aricuri, urucuri, nicuri, e licuri e todas essas denominações são encontradas no dicionário, não são simplesmente maneiras das pessoas mais idosas falarem. Não é legal?

Muito bom!

As mulheres antigamente se reuniam para quebrar licuri [usarei a forma mais usada no município de Serrolândia (licuri)] e passavam horas e horas cantando as famosas *cantigas de roda*.

- Rodrigo, você já procurou conversar com alguém que pudesse te dar mais informações sobre isso?

Eu não tinha pensado nisso, Ana. Mas eu conheço uma senhora que pode me dar alguma informação porque até hoje

ela vende licuri, eu a conheço por Dona Emília. E também tenho uma entrevista aqui com Dona Paula, as coisas que ela fala são muito importantes.

Qual o seu nome completo e qual a sua idade?

- Eu tenho 58 anos.

E... seu nome completo? Seu nome todo?

- Paula Ferreira dos Santos

A senhora sempre morou aqui na cidade ou mora na roça?

- Moro na roça, né? Eu to morano na roça.

Tá morando na roça ainda?

- É... tô morano na roça.

E tem essa casa aqui na rua?

- Tenho essa casa aqui na rua.

A senhora participa das cantigas de roda é?

- É cantiga de roda.

Desde quando?

- Toda a vida, desde a idade de cinco anos.

Eu queria que a senhora explicasse um pouquinho...

- ...da roda?

É. Como é que funciona isso?

- Tem uma roda que canta assim: “sessenta só é bom, por causa do licuri, por causa do licuri, eu comprei um bom relógio, meu sapato esporte, vestido te prometi”. Chegava e comprava, quebrava o licurizin, vendia, aqueles poquin, juntano aí comprava o... as rôpa, né? Comprava o sapato.

Então a senhora participava daquelas quebras?

- É... daquelas quebras.

Como era que funcionavam as quebras...

- ...começava assim, chegava... fazia aquela rumona de licuri dentro de casa, né? Aí agora quebrava assim, umas dez lata de licuri e agora ajuntava todo mundo, juntava assim, se quiser fosse só as dez lata bem, se não, umas quarenta a cinqüenta lata de licuri. Botava aquelas rumona no mei da casa pra todo mundo, sentava tudo e agora tudo cantava, né? Cantano batuque e roda, tem batuque e tem roda. É... agora cantava e quando terminava tudo, aí agora limpava a casa e vortava só... acabava de limpá a casa e

agora vortava tudo dançano roda, cantano pegado na mão dos zozoto cantano.

Sei... mas isso era o que, só as mulheres?

- É... as mulé e home, tudo junto...

...mulher e homem tudo junto...

- ...tudo junto era. Agora aí cantava, e só assim amanhecia o dia, o sol saía e tudo brincando naquelas, naquelas...

E... isso era na roça?

- É na roça.

E aqui na cidade a senhora fazia, já fez, não?

- Já cantei aqui um bando de dia aqui mais as menina nesse salão aqui paroquial.

No salão paroquial, já no da igreja?

- No da igreja, é.

Eu queria saber se... a senhora ainda se apresenta? Hoje?

- Apresento.

Apresenta? Quais são as datas que a senhora se apresenta?

Ou não tem data certa?

- Não tem data certa. O povo me chama: "Paula, vamo de brincadeira acolá?", tem vezes que dá preu ir eu vou, né? Mas tem vezes que não dá, eu não vou.

Mas, antigamente tinha data correta?

- Não, não, é... todo dia, todo canto eu ia direto.

Quando aconteciam essas quebras de licuri, quem participava, eram os vizinhos?

- Todo mundo: os vizinho, é home, muié, tudo. Ajuntava bem umas cinqüenta pessoa pra vim naquelas quebra.

Sei... convidava...

- ...convidava, convidava todo mundo. E tinha umas quebra roubada também, aí roubava as quebra assim: aí juntava uma pessoa assim, conversava assim com outra "vamo roubá uma quebra na casa de fulano hoje, vai?" "Vai". Aí nós chegava lá, sentava todo mundo assim no escondidinho, batia na porta e cantava um reis e agora invadia a casa e entrava todo mundo, né?

Tipo aquele negócio do boi roubado também, e agora faziam com quebra de ouricuri.

- Sim, aquelas bandeira, era.

Sei, as bandeiras... sei.

- **Aí agora a gente entrava pra dentro de casa, agora aí eles matava as galinha, botava arroz no fogo aí dava de comer assim um dia e uma noite, quer dizer, duas noite, nera? Aí tirava os licuri naquela noite, quebrava, noutro dia dava o dia tirano e de noite travez, era dois dias e duas noite tirano os licuri. Era a festa mais bonita...**

...aí só terminava quando o ouricuri acabava, né? Terminava todinho?

- **Tirano e ensacano tudo aí agora terminava tudo.**

Desde quando a senhora faz isso?

- **Desde criança. Desde na idade de cinco anos eu começava a ir e já via aquela bunteza, e agora começo fazendo tombém, né?**

E as cantigas, a senhora aprendeu onde?

- **Lá nas roda, a gente que estuciou...**

...a senhora não faz cantiga também não?

- **Faz, a gente também faz, sei assim, qualquer cantiguinha...**

...aí faz também.

- **É, faz.**

Eu estava conversando hoje com Seu Lerino e ele falava que as mulheres também participam do reisado, né? Do batuque, das coisas...

- **...eu canto o reis todo, sei todo, eu sei os reis tudo.**

Eu queria que a senhora falasse um pouquinho sobre o caboclo.

Por que o caboco no reis? Por que colocam o caboclo no reis?

- **É porque o caboclo é a mais graça que dá é o caboco. Tem o caboco e a roxinha.**

E o que é a roxinha?

- **A roxinha é uma mulher. Eles pega o caboco, o caboco e agora a roxinha é uma mulher, né? Toda barbadinha, toda. Tu precisa ver como é! O casal, né?**

É a mulher do caboco.

- **É a mulher do caboco. Aí agora vai cantando os reis, né? Quando chega nas casa, tem casa que o povo abre as casa, tem deles que num quer abrir a porta. Tem um pé que diz assim: "quem correr com o reis da porta, corre com Jesus**

também, corre com Jesus também. É porque Deus acode todo mundo, Santo Reis também cantou, né?

A senhora gosta de participar dessas coisas? A senhora gosta mesmo?

- Eu sei cantar os reis todo.

A senhora prefere reis ou cantiga de roda?

- Todos dois.

A senhora gosta mesmo de participar. E quando a senhora tá participando, a senhora esquece dos problemas, né?

- Claro, num tem problema não, aquilo ali é querer ficar só brincando ali, tudo cantano, tudo cantano, e ali, se tiver uma bebidinha a gente bebe, naquelas casa que aparece. Quando nós ta cantano assim a gente num gosta de bebê muito.

Ô Dona Paula, o que a gente não vê muito nessas apresentações é a juventude. Não participam muito não? Por que D. Paula?

- É, num gostam muito não. Não porque já sabe que não tem isso, as coisa que nem no tempo velho, é só por causa disso, né? Que hoje você vê assim, chega umas menina assim na brincadeirinha, mas só quer esse caso de dança, essas coisa assim, né? E nós, era naqueles caso véio certo, só naquelas brincadeira véa mermo.

Mas quando a senhora era pequena, a senhora aprendeu. E por que as crianças, a juventude hoje não quer mais participar?

- Nem reza a juventude num quer, num quer mais.

A senhora acha que isso é por causa de que?

- Eu já fui na Lapa dezessete viagens, na Lapa, né? E o ano que eu não vou o povo diz: "oi Paula, a viagem que eu fui não teve graça, tu num tava". Eu ajeito uma coisa, ajeito outra, e é rezando no caminho, e é terço, efíço, é tudo, naqueles caminho perigoso, o Bendito. E vai rezano, quando chega lá, nas procissão a gente reza tombem, é muito bonito tudo. Aí quando tem brincadeira assim o povo diz: "Paula, tu num vai?". Me chama assim direto há num sei quantos tempo, né? E veis que tem dia que dá preu ir e veis que num dá preu ir, né? A veis já mora mais longe, né?

Uma semana eu to aqui, outra semana eu lá to na Vargem Comprida, perto de Vardo Poço, e lá num dá pra mode ir.

E quem são suas companheiras das cantigas, dos reisados?

- Cumade Damiana, irmã minha, cantava muito, Joana, Joana passou pra lei de crente, agora ela adoeceu também e não cantou mais. Joana, vou contar pra vocês aqui, nós chegasse assim, se acontecesse um caso aqui agora, nós tirava a roda, nera?

Fazia na hora?

- Fazia assim aquela roda, naquela mesma hora, né? E cantava, assim, tinha uma roda assim que dizia assim, como é? Tinha uma roda que dizia assim: “marido...”, quer dizer que o noivo foi conversando com a noiva, né? Aí ele falou assim pra ela se ela quiser vestir tubin, acabava o casamento, aí ele dizia assim: “Marisa diz a teu noivo Darin, com um metro de pano eu faço um vestido tubin. Ele falou no instante, no momento, se você vestir tubin eu acabo o casamento”. É sou assim, né? E se fiasse de quorquer coisa que aparecesse aqui, nós tirava aquela roda. É assim de brincadeira, e muitas coisas assim, qui a gente aprendia, né? Casos, que as vezes as pessoa contavam, um bucado de caso, de história assim, hoje é que o povo num quer mais essas coisa.

E tem aquela coisa também, na roça o pessoal já veio todo embora, né?

- É, foro imhora, uns morrero, otros foro embora, isparramaro tudo, né?

A senhora acha que o pessoal saiu da roça e veio morar na cidade ou foi embora por quê?

- Por que lá, eles fez assim, como tudo que chego no comércio, aquelas brincadeiras de roda, de tudo, de tudo, quasemente que num tem, né? Hoje quando você chega num lugar assim e fala: “vamo brincá de roda”, muita gente diz: “eu nem sei”, outras diz: “eu num sei o qui é isso não”, você vê que umas menina deste tamaninho, já tudo dançano, né? Aquelas dancinha véa. E de primero num tinha isso, os pai levava assim em reza, levava nas festa, mas só era reza e roda, samba, essas coisa. Não tinha

esses negócio dessas tale de dança hoje dessa juventude hoje que tem.

Mas a senhora começou mesmo com cantiga de roda, né?

- É, cantar bandeira...

...o boi roubado...

- ...isso...a gente cantava a bandeira assim, cantava os... fazia os digitoro na roça, quando era no final cantava as bandera, né?

Agora hoje ainda existe as quebradeiras, as quebras de ouricuri?

- Tem canto que ainda faiz ainda.

Aonde?

- Quasemente já acabo. Poucos dia teve um aqui.

Aqui na cidade?

- Teve uma aqui na cidade e me chamaro, no Sol Nascente, e eu quebrano licuri, cantano e... foi bonito.

E na roça, quais são assim...

- ...agora na roça num teve mais, num teve mais não aquelas quebra de ouricuri porque os licuri que tem é nada, quasemente ninguém quer quebrar mais, quebra ali pruma galinha, prum porco, né? Ninguém quer mais fazê as quebra, né? Eu me divertia demais. Uma quebra de licuri era mio de que uma festa, todo mundo ali, tinha aquelas moça assim, um bucado de moça, rapaz tudo ali, ficava todo mundo junto ali, quando terminava aquele licuri, tudo ligêro, todo mundo tirano ligêro pra conde terminar, brincar até o dia amanhecer. Oto com um violão, trazia o violão, mais os qui trazia o violão nem fazia brincadera, era o povo só cantano, tudo dançano, né?

Deixa eu lhe fazer uma pergunta pra gente finalizar nosso papo. Se de repente algumas pessoas... eu tô estudando sobre isso, tô fazendo isso, não só a cantiga de roda mas também o reisado, uma série de coisas. Se de repente fosse pra gente trazer isso de volta, pra apresentar nas ruas pras pessoas verem, a senhora gostaria que isso voltasse?

- Eu achava bom. Porque era tudo mió de que os tempo agora. Muitas coisa agora é mais faci, né? A pessoa a vez de arrumá muitas coisa assim, mas de primero, de primero

ninguém comparava que nem agora não. Era uma camaradagem, pra você vê, ninguém caçava negócio de... vê aí de poucos tempo pra cá vê aquele negócio de morte, o povo fica assim mei rebelde matano uns zozoto. Mas antes tinha, dessa veiz num tinha, nesse tempo tudo ninguém via acontecer um caso desse, via falar naqueles lugar mais longe, né? Mais assim perto da gente, nunca ouvia falar não e agora é todo dia, toda hora.

Então Dona Paula, eu quero agradecer a senhora pela entrevista, pelo papo, e assim que o meu trabalho tiver pronto, eu vou voltar pra falar com a senhora.

- Um dia tinha uma menina ali toda preocupada, como era qui, como era qui fazia, eu digo: “oxem!” Eu cheguei: “eu quero uma roda pra senhora cantá” aí eu cantei, elas sorriu um bucado. Agora aí ajunta aquela turma toda, brincando aquela... brincadeira de roda. Tinha gente que me dizia assim: “ê, não quero que minha fia brinque in roda de home”, aí brincava só as muié, separava.

Eu queria que a senhora finalizasse nossa conversa escolhendo uma roda bem bonita e cantando. Só pra finalizar.

- “Adeus Bahia, ta fracassada, a gente veve, mas é uma vida pesada/ Um rapaz disse: “eu num fico aqui”, num vô ficá na Bahia, pra mim quebrá licuri.

(Entrevista cedida por Marcone Denys)

Obrigado Dona Paula.

- Muito interessante!

E então, vamos lá na casa de Dona Emilia para sabermos se obteremos mais informações.

- Acho que só para complementar porque as informações de Dona Paula estão muito ricas.

Vamos?!

Eu tô com fome!

- Meu Deus!!!

Está bem, André. Fique aí, nós iremos lá.

Ah!!! Não deixarei isso por nada. Preciso ver todas, ops! Preciso estar em todos os lugares!

- Pode me enganar, Andrezinho!

Vamos lá.

Dirigimo-nos à casa da senhora que eu conhecia para colher mais algumas informações sobre o licuri.

Na frente da casa Dona Emília...

Dona Emília?

- **É eu mesmo, cês quiere alguma coisa?**

É que nós queríamos conversar um pouco com a senhora sobre o licuri, pode ser?

- **Pooode! Entre vocês!**

Ana!

- Oi.

Você faz a entrevista agora, certo?

- Tudo bem!

- Qual o seu nome completo?

- **Emília Francelina de Almeida.**

- A senhora tem quantos anos?

- 68.
- Desde quando a senhora começou a quebrar licuri?
- **Desde 52 [risos].**
- Foi a época que teve aquela grande seca por aqui, não foi?
- **Foi.**
- A senhora gosta do que faz?
- **Ah, eu adoro!**
- A sua mãe, sua família quebrava licuri também?
- **Não. Só eu mesmo. Nesse tempo de minha mãe viva nós num fazia isso não.**
- Dá para ganhar muito? Quanto custa o quilo do licuri?
- **45 (centavos)**
- A senhora quebra quantos quilos por dia?
- Por dia não, mas por semana eu já vendi, muitas vezes, muitas vezes eu já vendi até vinte quilo. Quebrar a semana toda e vender dia de sábado.**
- O que a senhora faz com o licuri?
- **Compra alguma bestera, mas também só pra bestera mesmo.**
- Mas com o licuri, a senhora faz o quê? Leite...
- **Leite... cocada...**
- Faz óleo?
- **Faz óio.**
- Para que serve esse óleo?
- **Serve assim sabe, pra botar no cabelo... Antigamente as muié usava era óio de licuri. Hoje não que não faz mais, o povo não faz mais não.**
- Dona Emília, a senhora faz alguma coisa com a palha do licuri?
- **Não! Ah, mais Dona Nega aqui imbaxo faz.**
- Quem é Dona Nega?

Eu a conheço, Ana!

- Então, muito abrigada, Dona Emília.

- **De nada, mia fia!**

(Entrevista realizada em 08/10/2002).

Vamos lá?

- Qual é o teu interesse, André?

Eu não vou ajudar em nada mais, toda vez que eu falo alguma coisa, vocês acham que eu estou pensando algo além!

Tá bom, André, brincadeira. Olha lá, aquela é Dona Nega, ela está sentada no passeio da casa dela, você quer fazer a entrevista, André?

Mas eu tenho que criar as perguntas na hora?

- Claro. Nós te ajudamos. Temos que agora improvisar para aproveitar que a encontramos em casa.

Tudo bem!!!

No passeio da casa de Dona Nega...

Bom dia!

- **Bom dia!**

É a senhora que se chama Dona Nega?

- **Sim.**

É porque esse cara que tá aqui do meu lado está escrevendo um livro que fala sobre Serrolândia e Dona Emília falou pra gente que a senhora trabalha com a palha do licuri. Então a gente queria saber se a gente pode fazer umas perguntas pra senhora?

- **Oxe, sem problema!**

Qual é o seu nome completo?

- Isabel Maria de Jesus, mais o povo me chama de Nega.

Sua idade?

- 75 anos.

O que a senhora faz com a palha?

- Faz com a palha? A gente tira a palha no pé de ricurizero, cabá tira vorta, lasca ela primero pra beneficiar, bom... tem de abrir ela fora quando acabá vorta, tora os gomo das painha, cabá vorta, binificeia ela, vorta distala, depois bota pa secar, depois de ela tá seca, é que vorta com a fita, marra no cabo da bassôra e aí agora custura. E aí agora tá custuradinha e aí agora tende de botá ela pra muchar mais, muitas veze pode deixar pa lá, bom... normalmente a gente tende comprar cabopra pudê fazer a bassôra, cabá vende essa bassôra perum real, com todo trabaio, compra prego, compra fita. Vai pro mato pegá paia, pra distalar, binificiar aquelas paia e pega e vende perum real.

É muito trabalhoso? A senhora consegue ganhar muito com isso?

- Eu não ganho nada, meu fio, eu ganho bestera, porque quando eu for tirar meu trabaio, uma bassôra fica pra mim, não sei nem se fica pur setenta centavo. Eu compro prego, eu compro o cabo da bassôra que é vinte e cinco, veiz que as vizinha me dá, mais é eu comprar, bom... e aí agora vende purum e vinte e cinco, mais esses um e vinte e cinco quando eu for tirar o meu trabaio, tirar dispesa que tirar o cabo da bassôra, tirar dispesa que compra os prego, tirar dispesa que compra o bolo de linha que é dois e oitenta...

Então o que a senhora tem mais costume de fabricar com a palha é a vassoura?

- É, a bassôra.

Mas também a senhora faz esteira?

- Faço estera, mas só não faço porque não tem paia de estera e também e não tenho mais condição de arrancar paia.

Quantas vassouras a senhora consegue fazer num dia?

- Num dia?

Sim.

- Bom... só não custuro dez bassôra num dia purque o ispinhaço não dá, mais pr'uma pessoa que costure bem acaba com as mão, mais... realiza oito bassôra.

A senhora gosta do que faz?

- Eu faço purque tenho precisão e também gosto de trabalhar, ganhano poco, mixaria, mais eu gosto de... de... de... fazer esse trabaio pra não ficar parada, ou pouco ou muito eu ganho, já serve pra mim comprar um sabão, pra comprá um café, pra comprar um açúcar, um pão prus mininos ir pra'scola, se a gente não tem condições a gente tem que passar purisso.

A palha hoje está difícil de encontrar?

- Ô, menino, não fala não. Olha, tu não sabe o que aconteceu, lá na roça os inxú me acabou. Onte eu vi cum um bucado de paia lá na roça de Antoin e eu caí dentro da capeira e tirei um bucado de paia, mais menino, os baribone me feichou no mato que até os diabo das paia tá lá, bom... mais vai vim, sexta-feira vem.

Quer dizer que a palha da vassoura não é a mesma do aió, da esteira?

- Sabe pur que num é? Pur que o povo tira aquelas paia véa, pôde, custura, pra quem compra não tem resultado. Aquela paia compassada, é pior purque tem o espaço, tem custurar e chegar até o pé da ota pa pudê pegar, ali gasta muita linha, gasta muita paia, dá mais muito trabaio e a paia reunido não, é mais... o trabaio é menos, são dizoito paia e uma brassura, nove ni uma parte, nove na ota.

A senhora sempre morou aqui na região de Serrolândia mesmo?

- Foi sempre, foi.

A senhora lembra quando começou a se fazer a roçagem, o arraial Serrote?

- Não, eu não morava aqui dento, morava na roça, lá na Barra do Riacho.

Mas a senhora já ouviu falar em Jerônimo que fundou Serrolândia...?

- Jerôme foi quem fundou aqui, Serrolândia. Ele, o veio Amário...

Brigado aí Dona Nega!

- De nada.

(Entrevista realizada em 08/10/2002).

- Tchau!

Tchau!

Acho que por aquele dia bastava, não queríamos fazer nada apressadamente para que pudéssemos arrumar todas as entrevistas à noite e assim organizar melhor. Voltamos para casa e resolvemos descansar para o dia seguinte.

No dia seguinte, pela manhã...

Estávamos ainda dormindo quando Dona Maria – Anatália – que ela foi uma das primeiras entrevistadas, bateu na porta. Abri a porta um pouco assustado perguntando o que tinha acontecido.

O que foi Dona Maria?

- Não, pru mode que eu tô indo pra roça, mais fique sabendo que tem um senhor lá na rua das flore [a atual Avenida Agostinho Marques, uma das principais avenidas da cidade] e que disse que ajudou na roçage.

A senhora pode me levar lá, Dona Maria?

- Num vai demorar muitocho, não?

Não!

- Entonce vamo!

Sáímos correndo que nem sequer deu tempo de avisar a Ana e a André, simplesmente peguei o gravador e fui à casa do senhor com Dona Maria. Chegando lá, tive muito trabalho para fazer a entrevista, primeiro porque, mais uma vez, fui pego de surpresa e não deu tempo elaborar as perguntas, segundo porque o senhor tinha sério problema auditivo (surdez). Mas tive uma idéia, eu segurava o gravador e ia passando as perguntas para Dona Maria e ela ia perguntando bem perto do ouvido dele. O que mais me intrigou foi que a versão do senhor sobre a fundação do povoado Serrote, foi a única que pareceu um pouco divergente das outras.

Dessa vez, a entrevistadora é Dona Maria.

- Qual teu nome completo?
- Servino Dias Lope. Tô cum oitcenta e três ano.
- Tu ajudou a construir aqui o Serrote?
- Oxe, essa desgraça quem abriu aqui foi nós.
- Depois é isso que nós quer saber. É do tempo que construí Serrolanda. Tu mais Jerôme, quando ele te ispiou aqui, tu conheceu demais, num foi?
- Quem abriu essa desgraça aqui foi o finado...
- Antóin Morera?
- Oi? Não. Foi o finado Virgino.
- Oh, ti Virgino?
- Fo... fo... fo... foi quem abriu essa desgraça aqui. Foi o finado Virgino.
- Tu mais ti Jerôme já cunversava muntcho, n'era?
- Mais quá. Jerôme nunca se meteu aqui dento. Finado Virgino foi quem abriu tudo.
- Mas ele que era dono da Varje d'água, ti Jerôme. De lá eles viru aqui o monte aí. Ele ajudou porque, ó, rapaz, ele era um morador véio.
- O finado Virgino morava na Caribinha e de lá na Caribinha pra sair nessa lagoa aqui era uma vareda grande, e a lagoa ninguém nunca viu seca, era coberta de mata. Quando foi um dia nós chegamos lá, ele disse: "Amanhã pru mode

nóis vim tudo de foice”. Pra quê, ti Virgino? “Nada”. Quando foi segunda-feira a gente juntou eu, Oscar, Otavo, Genuaro, finado Ocrido, Antóin Lalavo, ti Jusé, o finado Roque, o finado cumpade Cândio.

- Descubriro o monte, num foi?

- Escute lá. Aí cheguelo tudo na segunda-feira aí ele tava deitado, num varandadão danado cum banco dessa largura assim aí ele levantô... de lá da Carinbinha pra sair nessa lagoa aqui era uma vareda certa...

- Mas ti Jerôme já morava na Varje D'água, num morava não?

- Num morava não.

- Num morava não? E morava aonde?

- Morava na casa do chapéu, porra... Óia, quando nós dicubrimo isso aqui só tinha o finado Virgino na Caribinha, Caraiba Grande, aqui no Poço dos Cachorro e aí no... no... no... e aí agora nós cheguelo, aí agora ele levantô... [risos]. Nós perguntô que hora que nós vamo chegar aí ele veio de lá pra cá cabá nós via a vantagem. Quando nós saímo de lá aí ele disse: “Amenhã é pra mode as muié levá dicumê, méi-dia”. Aí nós vimo de lá pra cá, oiava pra essa lagoa, niguém nunca viu seca, era cuberto de mata, a gente foi pegando, foi pegando, foi pegando, foi pegando que aí quando chegou ali aonde Flori fez a famácia tinha um bicão de peda, da artura de um posto desse, quebraro, num sei pra que diabo quebraro! Aí se acabemo naquele bico de peda, aí cheguelo lá, piquemo as foice, toquemo as foice, toquemo as foice, óia... os calumbi criscia assim inlinhado, era tão arto, do tamanho de uma casa dessa. Nós subimo as foice, subimo as foice, subimo as foice, que quando deu méi-dia, as muié chegô cuns prato de cumida, quando as muié chegou cuns prato de cumida nós já tinha apartido mais do meio aí as muié botaro dicumê. Piquemo as foice, toquemo as foice, toquemo as foice, quando o sole deu nas serra nós cheguelo no pé da peda. Aí agora nós fomo imbora que aqui era uma onça do diabo.

Aí ele perguntô: “Seco?” Não. Passava, passava, passava... “Secô?” Não.

- A lagoa, n'era?
 - Não, o mato! Quando passava, passava, passava... "Secô?" Secô! Amenhã nós vai passar fogo. Quando foi segunda-feira nós chegemo e tocamo fogo no beço da lagoa ali e esse fogo subiu de cabeça acima aí que conde chegô lá no pé da peda... diga onde esse fogo foi apagá?
 - Foi bem longe...
 - Nos Poço dos Cachorro.
 - Viiiixe!!!
 - Foi para nos Poço dos Cachorro.
 - Misericorde!
 - Você podia correr dessa artura assim ó, você podia correr daqui até nos Poço dos Cachorro tava limpinho assim pur baixo. Eu aqui num quero explicação dessa desgraça aqui, Deus me perdoe.
- Aqui num tinha gente, num tinha gente. Aí ele veio, aí ele veio. Aí chegô, disse: "Aqui é pra mode fazer pastage... uma casa". Aí nós chegemo, isso era cum chão, peguemo, piquemo o cacete, fizemo a Igreja. Aí essa igreja aqui [atual Igreja Matriz] era pra fazer pra São Roque, quando nós fizemo, dissero que num botava São Roque não que São Roque era pobre. Colocar o Senhor do Bonfinho, quando tava assim cum negócio de três mês, a Igreja fez ó... caiu. Aí nós peguemo, fizemo otra vez, aí botemo São Roque, até hoje, graças a Deus. Fizemo a Igreja sem ganhar nada.
- Na época num tinha uma casa aqui, tinha casa só dento da mata.
- Pois té logo e brigado!
 - Tá bom!

(Entrevista realizada em 12/10/2002).

É... seu Servino não estava de bom humor naquela hora. Agradei a Dona Maria e voltei para casa para contar o que aconteceu. Ana já estava preocupada, pois quando ouviu as batidas na porta que se levantou, eu já saíra, mas foi uma boa informação e uma nova versão. Assim, temos duas versões

acerca da *roçagem* rumo ao novo povoado do município de Jacobina, Serrote.

- Enquanto você saiu, veio uma mulher dizendo que o avô dela tinha algumas coisas para dizer sobre Serrolândia, pois ela ouviu um boato que você estava precisando de alguém que falasse sobre a *roçagem*.

Mas você perguntou onde ele morava?

- Ave Maria, Rodrigo! Até parece que você não mora aqui na cidade.

Não é isso, Ana. Fica um pouco difícil de conhecer todas as pessoas mais velhas e que moram mais distantes da minha casa.

- Mas mora realmente na Avenida Agostinho Marques. Eu não conheço muito bem, mas a mulher, que nem tive a educação de perguntar o nome, disse que é perto do Prédio Escolar Rômulo Galvão de Carvalho e chegando lá perto, pode perguntar a alguém por seu Clarindo que todos sabem onde ele mora.

Assim ficou melhor! Já tomou café?

- Já.

Ué, cadê André?

- Tomou café, pegou a máquina e disse que ia tirar mais fotografias.

Só não quero que dê algum problema nessas fotos ou que ele diga que a máquina caiu.

Gargalhadas...

Então vamos? Ah, não! Esqueci que temos de elaborar as perguntas.

- Meu querido e estimado amigo Rodrigo, eu não durmo no ponto!

Eu sabia que podia confiar em você, mas não falei isso de propósito.

- Está bem, vamos.

Fomos à casa de seu Clarindo. Quando chegamos na porta da sua casa, ele estava na porta. Dissemos que éramos as pessoas que estavam querendo entrevistá-lo e ele nos recebeu muito bem.

- **Pode entrar!**

E aí, seu Clarindo, nós podemos fazer umas perguntinhas ao senhor?

- **Ô, meu Deus do céu! Pode minino!**

Então vamos lá.

Seu nome completo?

- **É... Clarindo, Clarindo Bispo.**

Sua idade?

- **95 anos.**

O Senhor conhecia Jerônimo, o fundador de Serrolândia?

- **Eu era cunhado. Ele era meu cunhado.**

O Senhor costumava freqüentar a casa dele?

- **Fazenda Varje D'água a casa dele.**

Mas o senhor costumava freqüentar a casa dele?

- **Não, eu não ia lá não, eu era menino, às vez passava pur lá, quando era mais novo. Hoje eu num sei donde é a casa dele.**

O senhor lembra da época? Como era o Monte Serrote?

- Era, o Monte era grande, arto, tinha uma artura medonha pra subir p'arriba, entonce o povo foi rancano as peda.

Tinha muita mata?

- As mata, Ave Maria, as mata eu não arcancê, não, mas ali inbaixo tem um Servino que tá broco tombém, surdo, mais porque ajudou abrir o caminho. Arcancê assim aqui, viu? Uma banda aqui era do finado Jerôme, foi mod'ele que fez o comércio, Jerôme.

Na época os fazendeiros costumavam brigar uns com os outros?

- Não... eles não brigava muito não, era sabido, viu? Sabido porque... mas não brigava não. Não brigava cum ninguém não, não judiava de ninguém, judiava porque era rico e judiava dos pobre, coisa e tale, mas num era coisa muito perigosa, não.

O senhor tinha quantos anos na época? No roçado, na construção do Açude Serrote...?

- Num lembro, não. Eu era rapaizinho.

O senhor já trabalhou na construção do Açude Serrote?

- Trabaiei muito. Foi em 52, eu trabaiei lá.

Quando Jerônimo avistou aquele monte, ele decidiu levar uma cruz para colocar lá em cima. O senhor lembra desse dia? Tinha muita gente?

- Me lembro do cruzeiro, agora não me lembro quando colocaro a cruz. Quando vi a cruz já tava botada.

Hoje o Monte Serrote está bem pequeno em relação àquela época, não é?

- Hoje tá tudo acabado, rancaro os pedaço tudo. O Monte era casa de onça. Tinha uma onça, ela cortava ali pru lado da Varje Danta e tinha uma passage de uma onça que dava pru Serrote. Ela morava nas oca do Serrote. É o que me lembro é dessas coisa.

Algumas vezes o senhor chegava a bater papo com Jerônimo?

- Jerônimo era meu cunhado, eu sabia de tudo, ele tinha uma casa na Varje D'água, era dono de uma banda do Serrote, finado Jerôme, meu cunhado. Uma banda do Serrote era dele. Purisso que ele tentou criar o roçado.

Como foi a história da roçagem?

- Ele já era done, meu tio, Antônio Moreira, o pai dele, tinha uma fazenda ali na Varje D'água, antonce ele foi trabaiaando, trabaiaando e tomou conta da fazenda de Antônio Moreira, tomou conta da fazenda da Varje D'água. Aí agora foram abrino, foro abrino o Serrote e despois nós meteu o pé, uma banda do Serrote era dele e a ota eu não sei de quem era, a ota banda, mas Jerôme aqui que era o dono.

Tinha gente que achava que era melhor do que Jerônino?

- Mais ou meno, mas Jerôme era dono de uma banda do cumércio e o oto é um Servino véi que tem ali embaixo, surdo, broco, que não presta mais. O véi Virgino, o véi Virgino... xô vê... avô de Jerôme.. acho que era avô, gente, de Jerôme. Tinha o véi Virgino, Antonho Moreira, Antonho Moreira era o pai de Jerôme, ah, já se acabou tudo, antigo, apois é... e Jerôme, Jerôme morreu tá cum muitos tempo, mais num está lá cum esses tempão de mercado, não. Tá cum muitos tempo que ele morreu, mais num é tan... Jerôme, Zulmira, Zarinha, fia dele, tudo, tudo, eu conheço tudo ele é meu cunhado, Jerôme, e uma banda do Serrote era dele, uma banda do Serrote. Eu conheci o Serrote pur Jerôme.

(Entrevista realizada em 12/10/2002).

- Tá bem, muito obrigada!

- Quando precisar, pode vim!

Até logo!

- Té logo!

Voltamos para casa e André não havia chegado ainda. Depois de um certo tempo, André chegou já rindo.

- O que aconteceu, André, que está assim tão sorridente?

Lá vêm vocês...

Eu nem sequer falei alguma coisa!

Está bem... Eu conheci uma mina que se chama Meena, quer dizer, eu a conheci desde daquele dia que fui tirar algumas fotos e então... lembram?

Ah! Eu conheço Meena. Ela é uma pessoa muito legal.

Sério?!

É sim. Ela mora no final da Avenida 6 de Maio, não é?

Isso, isso, isso!!!

Mas você poderia nos dizer se conseguiu tirar alguma fotografia legal?

Tirei!

Vocês sabiam que em Serrolândia havia uma fanfarra?

- Sério?

Sério. O seu nome era FAMS – Fanfarra Municipal de Serrolândia. E isso tinha pontos positivos para a população serrolandense da época. Primeiro, os jovens dedicavam seu tempo vago aos ensaios da fanfarra e com isso ajudava no combate ao uso abusivo de álcool; segundo, havia um empenho em comemorar datas cívicas no município de Serrolândia; terceiro, o nome de Serrolândia era divulgado por todas as cidades da região. Enfim, era muito bom para esse município.

- Rodrigo, você falou todo o tempo com os verbos no passado, a fanfarra acabou?

Acabou! Não se sabe ao certo o motivo, mas por muito tempo os instrumentos ficaram no Colégio Municipal Arionete Guimarães Sousa, até que, por desuso, foram se deteriorando e hoje a fanfarra de Serrolândia não existe mais.

Isso não é legal. Se beneficiava a população, por que não continuar com o que estava dando certo...

Eu penso, André, que hoje há muitos projetos que fazem com que os jovens saiam da rua, estudem... mas esses projetos precisam beneficiar a todos que necessitam, que não beneficie um pouco e outros fiquem sem esse direito.

- Concordo.

É mesmo!

Passamos o resto do dia conversando, rindo, comentando sobre as entrevistas e marcando os pontos que iríamos discutir no dia seguinte. Muitos pontos foram ressaltados para pesquisarmos no outro dia: lazer, esporte, educação dentre outros.

No dia seguinte...

Ué! Você viu Rodrigo, Ana?

- Ele não está dormindo?

Não!

Eu cheguei.... Bom dia! Isso é hora de vocês acordarem? Já são dez horas...

- Onde você estava?

Eu fui pesquisar alguma coisa sobre o Fórum Manoel Pereira Lima.

E aí?!

O porteiro me deu algumas informações, mas muito objetivas. Me disse que havia um funcionário trabalhando na Vara Cível, um de Registro Civil, um no Tabelionato de Nota e um outro na Administração do Fórum. Ele também me confirmou que os funcionários acima só vêm uma ou duas vezes por semana e que realmente há a necessidade de se fazer um concurso. Perguntei de quem era a competência para a realização desse concurso, meio que confuso, me disse que era do governo estadual.

(Entrevista realizada em 12/11/2002).

- E por que há esse problema?

Quando saí do Fórum, fui à casa da vereadora Elenita e perguntei a ela se ela tinha algum conhecimento sobre esse problema. Ela me disse que na Câmara Municipal de Vereadores já foram feitas inúmeras petições, mas ainda não tinham recebido nenhuma resposta.

Comentei com ela que se houvesse um interesse maior do governo municipal mostrando o problema ao governo estadual talvez a situação seria resolvida com mais rapidez. Ela concordou comigo.

Pronto, agora tudo ficou mais esclarecido.

- Isso mesmo.

Bem gente, voltando aos assuntos que dissemos que seriam discutidos hoje, vocês conseguiram colher alguma informação?

É impossível, Rodrigo, nós acordamos agora!

Desculpem-me, é verdade! Façamos o seguinte, vamos pesquisar e só voltaremos a discutir depois do almoço.

Ana foi pesquisar na Internet para ver se encontrava mais alguma coisa, mas a verdade é que ainda não há na rede muitas informações sobre o município de Serrolândia, mas ela foi assim mesmo. Eu já possuía algumas informações sobre o lazer e esporte em Serrolândia – até porque eu moro nessa cidade – e André, mais uma vez, disse que ia tirar mais fotografias.

Depois do almoço, sentamos para ver o que tínhamos em mãos.

E aí, André, mais uma vez, você foi tirar fotografias?

O que você quis dizer com isso, Rodrigo?

Até que a sua interpretação leve para outro sentido, uma pergunta!

Ok, eu sei.

- Sério André, que tipo de foto você tirou?

Eu saí por aí...

Ah...

- Bem, mudando de assunto, vamos falar do que realmente nos interessa.

Quer dizer que as fotografias não são importantes?

- Quer dizer que os seus romances para nós não são importantes!

André se cala...

- Então, destaquemos agora a questão do lazer em Serrolândia.

O difícil, Aninha, é o que destacar!

- Como assim, Rô?

Há algum tempo foi reformada a antiga praça Juracy Magalhães, conhecida também como Praça da Bíblia. Na sua reforma, foi construído um quiosque. O que antes era considerado um lugar de respeito, transformou-se no mais novo ponto de encontro de Serrolândia. Toda essa transformação teve seu lado positivo e o lado negativo...

- Lado negativo e positivo?

Sim. Seu lado negativo porque além de "quebrar" a tradição de "praça religiosa", os moradores de lá moram não têm, principalmente nos finais de semana, mais sossego, já que tanto os bares quanto os sons dos carros são muito altos e isso se estende até a madrugada.

- Uma conclusão nós podemos tirar então: se na Praça Manoel Novaes, em que as pessoas se encontravam, deixou consideravelmente de ser freqüentada, presume-se que foi em consequência da construção do quiosque, certo?

Certo.

- Então, o espaço da "Praça do Quiosque" é bem menor em relação a Praça Manoel Novaes, todavia a quantidade de bares é maior, também as pessoas, sentadas nos bares, podem ver o movimento do quiosque e o consumo de bebida deve ter aumentado!

Ótima colocação, Ana. Penso que exatamente isso aconteceu. Assim, o que de início era uma novidade, com o tempo, se

tornou a única forma de lazer dos sábados e domingos à noite. Exceto quando há uma festa no CRESS...

CRESS?

Clube Recreativo Esportivo Social de Serrolândia. Também lá é um lugar aonde as pessoas vão para se divertir. É uma pena que nos últimos tempos esse clube não está atendendo as necessidades dos sócios, pois apesar de haver piscina, torneios entre outras coisas, não há um calendário nem uma programação que atenda todas as faixas etárias e épocas do ano.

Rodrigo, você falou de torneios? Torneios de quê?

De futebol. É uma atividade que ajuda muito no lazer do clube. Era interessante que houvesse incentivo para a prática de outros esportes. Aqui em Serrolândia não há incentivo algum a prática de qualquer outro esporte. Às vezes vemos pequenos grupos de jovens aqui e acolá jogando basquete, voleibol, mas não há quadras adequadas, ginásio de esportes, enfim, temos ótimas opções de lazer [ironicamente falando], ir ao Quiosque aos sábados e domingos.

- Se eu não estou enganada, eu vi um estádio de futebol aqui em Serrolândia...

Há sim. É o Estádio Municipal Waldetrudes Carneiro de Magalhães. Geralmente aos domingos a tarde há jogos entre times do próprio município e às vezes campeonatos intermunicipais, mas acredito que precisa de mais incentivo, Já está comprovado que o incentivo ao esporte, ameniza muitos problemas sociais como a violência, por exemplo.

- Muito bom, Rô! Você falou que o nome do estádio de Serrolândia é Waldetrudes Carneiro de Magalhães, quem foi ele? Foi alguém influente que viveu aqui?

Ah! Ele foi uma pessoa que se destacou bastante na política de Serrolândia!

Por quê?

Ele foi o primeiro vereador e ainda podemos ver o seu casarão que ainda se encontra na Praça Manoel Novaes.

- Vocês perceberam que nós discutimos coisas muito importantes?

Eu ainda preciso fazer uma pequena colocação. Não sei o que acontece em Serrolândia, mas penso que é necessário resolver o problema dos jovens. O município não oferece lazer, as drogas – como a maconha – por exemplo, já estão presentes. São muitos os problemas sociais que enfrentamos atualmente.

- Rô, eu ouvi dizer que tinha uma vereadora na Câmara Municipal de Vereadores de Serrolândia, além da atual prefeita Noélia Souza Oliveira, é verdade?

Existe! Você me lembrou bem porque eu já a entrevistei para fazer uma pesquisa há tempo atrás e posso mostrar pra vocês essa entrevista. Inclusive já citei o nome dela anteriormente.

Então nos mostre!

Qual o seu nome completo?

- Elenita Oliveira de Sousa

Por ser a única vereadora da Câmara Municipal de Serrolândia, você sofre algum tipo de discriminação, preconceito?

- Ó, atualmente não, mas no início eu percebi, pelo fato de ser do Partido dos Trabalhadores, não diretamente, mas algumas “gozaçõezinhas” assim tipo: Ah, isso é coisa do PT, então, às vezes... eu senti, mas foi meio distante e eu não me afobei com isso não, relevei, sabe? Fiz de conta que não estava ouvindo nada e levantei minha cabeça, faço meu trabalho direitinho. Tenho pena de quem tem ainda

esse preconceito porque nossa idéia é conviver com o diferente.

Quais as vantagens e desvantagens da política de Serrolândia? A maior vantagem que eu acho é o sonho de qualquer filho serrolandense poder ajudar na construção de uma Serrolândia diferente, isso pra mim é a maior vantagem, o que eu considero com vantagem principal é essa e a outra é de estar sempre em grupos, de mostrar um trabalho diferente do que os antigos políticos vinham fazendo.

A desvantagem é porque a maioria da população serrolandense não está preparada pra compreender o que é uma política. Eles têm muito, a questão de achar que política, que o papel do político é estar beneficiando apenas a uma pessoa, a um grupo quando na verdade a função do político é lutar pelo coletivo, é lutar pelas causas, é buscar benefício pro povo no geral como também, principalmente nós parlamentares, é estar observando as leis, observando quais são as leis que vêm em benefício ao povo, está discutindo projetos, estar encaminhando projeto e.. é por aí, não está beneficiando um só ou de estar fazendo da política profissão ou meio de vida e também não estar assim... dando objetos às pessoas pra garantir o voto futuramente, então eu não trabalho nessa linha, então eu vejo que é um desafio às pessoas compreenderem qual o papel de um político que tem ética, que tem responsabilidade, que tem compromisso com o povo.

Você acredita nos jovens de Serrolândia?

- Muuuito! Porque, como eu acabei de dizer, né? Só a juventude de Serrolândia, a partir da educação que ela vai ter é que ela vai buscar experiências para ajudar a construir uma Serrolândia diferente porque infelizmente, a maioria das pessoas idosas, principalmente alguns políticos que já passaram por Serrolândia e que ainda estão tem muitos vícios de encararem a políticos com coisa lucrativa, como profissionalismo, como se dá bem na vida e o jovem é quem vai tirar essa... desmistificar essa idéia que eles colocaram na cabeça das pessoas. Então eu acredito muito na força da juventude, principalmente o jovem hoje, que

está participando de qualquer grupo como comunidade, então o jovem que estuda com certeza ele vai adquirindo experiência, formação e vê que as coisas podem, devem ser diferentes.

Que mensagem você deixa à população serrolandense?

- Eu deixo a mensagem de que cada cidadão serrolandense comece a exercer sua cidadania, ou seja, querer o melhor para Serrolândia e ir participando de coisas aonde a gente possa chamar mais jovens para resgatar Serrolândia, para que a gente faça uma Serrolândia diferente, onde todos tenham comida, emprego, que a cidade tenha menos violência, que graças a Deus não é tão violenta, mas que a gente possa combater o pouquinho que tem para não aumentar. Então que as pessoas comecem a participar, a se empenhar mais, principalmente dentro do campo político e tirar mais a fenda dos olhos e saber que existe um grupo de pessoas em Serrolândia que se doam vinte e quatro horas por dia porque tem um sonho de ver Serrolândia mudar. Então que a gente se junte a essas pessoas pra formar essa fileira e aí a gente resgatar e construir uma Serrolândia diferente e que a gente dê um basta nessas pessoas idosas que tem uma cabeça... não é que eu seja contra o idoso, mas que tenham uma mentalidade de achar que as coisas não mudam ou de continuar com vícios que os grandes daqui de dentro sempre colocaram na cabeça da gente, que a gente dê um basta em tudo isso e comece dar as mãos para que possamos ver as coisas mudarem. E que bote o pé no chão mesmo, que venha, que comece a participar, a gostar da política, a gostar da igreja, das comunidades, a gostar de movimentos, tudo aquilo que faça a gente crescer como cidadão que a gente comece a gostar e participar. E aí a gente percebe quem quer construir Serrolândia e quem quer destruir Serrolândia, que a gente vá tendo consciência pra gente ajudar a construir, não a destruir.

(Entrevista realizada em 04/10/2002 em que a entrevistada ainda era vereadora).

- As idéias dela são muito boas.

É mesmo!

- Lembrei de uma coisa! Já que você tem essa entrevista com Elenita, poderíamos procurar o nome dos atuais vereadores e dos primeiros vereadores, o que acham?

Eu quero saber se você é telepata?

- Por quê?

Eu já estava pensando nisso, pois eu tenho essa informação que peguei com Marilton.

- Marilton?

Sim. Ele é o atual secretário da Câmara Municipal de Vereadores.

- Então nos mostre também!

Ok! Na atual gestão nós temos: Raimundo Rios Maia, Josué Santos Oliveira, Jaime Franco Filho, José Robervalter Rios Cunha, Clebson Lima de Moura, José Reis Barrêto da Silva, Pedro Ribeiro de Matos, Ademilson Araújo Oliveira, Florivaldo Magalhães Júnior (2005-2008). Os vereadores que compunham a primeira gestão foram: Albertino Antunes da Silva, Alfredo Ribeiro Filho, Antonio Ferreira dos Reis, Ariston Ferreira Rodrigues, Guilhermino Alves Vacarezza, João Ferreira dos Santos, José Lima Neto, Manoel Ferreira Filho. Mas vale ressaltar um pequeno detalhe, os vereadores Albertino Antunes da Silva e Guilhermino Alves Vacarezza foram cassados por faltarem às sessões do Legislativo no período de 01 (um) ano. (Projeto Resolução, pedindo cassação dos mandatos apresentado em **22.10.1965**, cassação aprovada por unanimidade em **12.11.1965**).

Parece que a lei daquela época era mais eficaz do que a de hoje.

- Justiça e injustiça sempre vão existir, o que não pode acontecer é perceber as injustiças e nada fazer e ver a justiça e não comemorar pelas conquistas.

Adorei a sua colocação. Inspiração momentânea?

- Inspiração de indignação com certas coisas que vemos em todas as partes do nosso país!

Concordo com você.

Eu também.

- Rô, acho conveniente agora irmos conversar com o primeiro prefeito, não é uma boa idéia?

Tem razão.

Primeiro prefeito?

Sim.

E ele mora aqui?

Sim!

Dirigimo-nos à casa de Florivaldo Magalhães de Sousa, o primeiro prefeito de Serrolândia. Ele nos recebeu e André o entrevistou.

Nome Completo.

- **Florivaldo Magalhães de Sousa**

Você, como primeiro prefeito de Serrolândia, o que acha do desenvolvimento desta cidade hoje em relação a sua emancipação?

- Ah, melhorou muito... tem energia que já foi generalizada pro Brasil inteiro, temos água boa, asfalto, telefone, Banco do Brasil, colégio, fizeram Faculdade, então desenvolveu muito, né?

Como você vê a participação dos jovens nas questões político-sociais deste município? Há uma participação constante ou os jovens pouco fazem?

- Veja bem, eu não vi ainda os jovens faltar politicamente nem como líder estudantil, não vi ainda. Quando eu fui jovem nessa fase eu já liderava desde a escola primária até colégio eu tinha liderança. Não é como hoje, pois hoje quando os jovens começam a falar é atacando os velhos, mas tem muitos jovens liderando que você pode parar para analisar.

Em que o município de Serrolândia está precisando melhorar?

- Bom, melhorias em tudo né? No esporte tá pouco aqui, só tem o estádio; Serrolândia precisa de mais prédios escolares na cidade, a faculdade começou e não sabe se vai avante, que é uma grande coisa pra Serrolândia, a cidade pequena possuir faculdade, se ela tiver êxito tá beleza, né? Já precisa de ginásio de esportes e de mais obras, vamos dizer... do governo municipal e estadual também.

Você acha que seria necessário criar uma preservação do Monte Serrote, já que foi um marco da fundação do nosso município?

- Não, isso precisa, agora isto está impossível, no início eu comecei a segurar, por exemplo os hospitais não tinham, eu por exemplo digo assim: na verdade precisa um pouco de cultura, então eu tinha vontade de preservar, mas depois que chegaram abriram mão. Eu não vejo como porque o pessoal tá tão rebelde hoje em dia que não atende ninguém, né?

Que mensagem você deixa para a população de Serrolândia?

- Que procure votar em um prefeito, num cidadão capaz de governar a cidade, né? Ter amor próprio, que tenha cultura, que analisem os jovens, os idosos, analisar... que tenha cultura e acabar com essa história de vender o voto, isso é a pior miséria do mundo, né? Por exemplo, nunca mais vou alcançar a prefeitura porque tem que ser comprado o voto e hoje pra se eleger prefeito tem que gastar oitocentos a um milhão pra se eleger se tiver caminhada política se não tiver não ganha não, o voto é comprado, isso é uma miséria.

(Entrevista realizada em 19/10/2002).

Valeu!

De volta para casa, nós comentávamos do trabalho que estávamos realizando.

Tenho uma informação legal para vocês!

- O que é, criatura?

Vocês sabem quem é a esposa de Florivaldo?

Eu não conheço.

Muito menos eu!

- Eu falarei o nome dela e me dirão se vocês já viram esse nome em algum lugar, certo?

Tudo bem!

Arionete Guimarães Sousa.

Eu tô quase lembrando... Ah, meu Deus... onde, onde eu vi?!

- Deixe-me ver... Eu lembro! No colégio municipal daqui da sede, o nome do estabelecimento é Colégio Municipal Arionete Guimarães Sousa e a sigla é COMAGS. Estou certa?!

Muito bem! Ela é uma professora muito respeitada, ensinou por muito tempo aqui em nossa cidade e merece o nosso grande respeito e admiração, pois ajudou na educação de muitos jovens serrolandenses. A nossa primeira professora Amália Gomes de Oliveira, também o respeito necessário.

- Rô, é sempre bom lembrar que não estamos denegrindo a imagem de ninguém, simplesmente estamos tentando mostrar de uma forma crítica a realidade do nosso município.

Ana, você lembrou muito bem!

É verdade! De município de Jacobina para a vila Serrote e hoje, Serrolândia.

Ah, é bom ressaltar que Jacobina é a cidade mais próxima em questão de atendimento às necessidades dos serrolandenses, como o posto do INSS, a Universidade mais próxima, o comércio em geral... Hoje esse quadro já melhorou muito, pois muitas coisas nós já podemos encontrar aqui.

Mais como é que você sabe disso, Ana?

- André, enquanto vocês ficam conversando sobre aquela pessoa, eu estou lendo, pesquisando na Internet e descobrindo muitas informações importantes.

Eu tinha certeza, Rodrigo, que ela ia tocar no assunto, mais cedo ou mais tarde!

- Por que você fica tão nervoso?

É porque...

Rodrigo! Por favor...

- Quer dizer que vocês aprontaram alguma coisa e não querem me contar?

André... é melhor você contar...

Rodrigo!!!

Está bem, você não quer contar...

- Vocês acham que eu vou ficar calminha e não vou perguntar mais nada depois de vocês terem agido assim? Vamos, me contem logo!

É o seguinte...

Bem...

- Pelo amor de Deus! Não adianta mais ficarem me enganando porque se mentirem, eu saberei!

Eu conto, André?

Ok... Mas espera que eu vou sair!

André vai à cozinha desconfiado...

- Até parece que você tem vergonha de alguma coisa.

Sabe o que é...

- Até você, Rodrigo. Eu sei que não envolve você diretamente, mas você deve ter dado um empurrãozinho. Vamos, conte!

Você acha que essas fotografias realmente vão sair?

- Eu não acredito! É verdade?!

Verdade o quê?

- Que André está namorando Meena?

Já tem umas duas semanas.

André volta da cozinha...

- Então vocês têm essa novidade e não me falam nada? Pois para pagar este tempo de omissão, você terá que tirar todas as fotos que você prometeu.

Acho que agora, Ana, ele faz questão!

Gargalhadas...

- Mas já é namoro certo ou só paquera?

Gente, vamos mudar de assunto?!

Eu achava que você poderia ficar tímido, mas não tão vermelho!

Pronto Rodrigo e Ana?! Vamos mudar de assunto?!

Vamos.

- Rodrigo, que tal se falássemos nas festas tradicionais de Serrolândia?

Vou ao meu quarto pegar algumas fotos e entrevistas que já estão prontas.

- Está bem. Vamos deixar André em paz, senão ele não nos ajudará.

O município de Serrolândia é muito rico nas tradições, apesar de estarem sendo um pouco esquecidas hoje, mas desde

quando aqui ainda não era cidade havia, em vários lugares, comemorações entre famílias e conhecidos, a maioria das festas acontecia na zona rural e os popularmente conhecidos “bumbeiros” animavam a festa. E eu tenho uma entrevista com um senhor que participou por muito tempo desse tipo de festa e que até hoje ainda se apresenta em muitos lugares.

- Onde você encontrou essa pessoa?

Ao lado da minha casa.

Como assim?

Porque ele simplesmente é meu vizinho.

Ah!!!

Aqui está a entrevista.

Então o senhor pode falar o seu nome completo agora.

- **Aurelino Lino de Santana.**

Quantos anos o senhor tem?

- **Sessenta e três ano.**

O Senhor mora aqui em Serrolândia mesmo?

- **...aqui em Serrolândia, sou do grupo de samba, que sempre a gente gosta de fazer sempre, fazer samba e sambar. Mas o samba pra gente, começar o samba, primeiro a pessoa marca o dia: “tal dia vocês vão fazer um samba lá em casa”. Aí a gente vai. Ajunta o grupo e vai lá fazer o samba, chega lá, de chegada logo a gente canta o reis. Primeiramente a gente chega, esquentar os pandeiros, tempera a viola, o violão e o cavaquinho e aí encosta pra de junto da porta e canta o reis, canta o reis. Quando termina o reis entra pra dentro de casa, canta o batuque e aí “vamo entrá!”, brincar a noite toda, cantando chula, cantando martelo, louvando o povo.**

E como é a chula?

- E a chula a gente... a chula a gente... a gente faz qualquer tipo de chula a gente faz e canta e... e aí...

O Senhor começou a fazer isso quando? Tem muito tempo?

- Tem! É... tem muito tempo que a gente luta com essas coisas. Tem uns 30 anos mais ou menos pra cá que a gente começou que... de qualquer maneira, de acordo a idade das pessoas, né? Pessoa que aprendeu mais novo e já ta velho, eu também tenho muito tempo. Então, aqui tem o grupo da gente brincar...

Esse grupo, quem é que faz parte desse grupo além do senhor?

- Tem eu, tem Nico, tem Irineu, Zé de Inácio, Odélio, Mário preto.

E é esse pessoal do reisado de janeiro, que passam aqui na rua?

- É... do reisado de janeiro.

Então quer dizer que o Senhor tinha trinta e poucos anos quando começou a fazer isso?

- Quando começou a fazer esse tipo de coisa.

Sei... sempre foi aqui na cidade ou era na roça?

- Na roça. Começamos pela roça, depois na cidade...

Que fazenda era, que região era?

- Fazenda Poço do Cachorro.

Depois que passou a ser... por que veio pra cidade? Por que começou a fazer aqui na cidade?

- E acontece que a gente, muitas vezes, morava lá na roça e mudou pra cidade, né?

O Senhor mudou aqui pra cidade por quê? Por que o senhor veio embora? Não gostava da roça não?

- Não, eu gostava da roça, mas o que acontece é que a gente veio morar na cidade e sempre trabalhando na roça, morar na cidade sempre trabalhar na roça, nunca deixou de trabalhar na roça não, né? Morada, mas morar mesmo, mora na cidade.

Eu quando era pequeno eu lembro dos reis, não sei se o senhor participava, né? Mas até hoje tem, aquele negócio do "caboclo", não é? O que era o caboclo? Por que coloca...

- O "caboco" era os reis de... do começo do ano. Era o reis de correção, se chamava o reis de correção; "canta o reis!",

“bora cantar reis”. Aí, começa do dia primeiro de janeiro até o dia seis. E o “caboco” é pra enfeito, é pá dá o recado, pá fazê os pedido, pá mandá recado pra quem mandô quer pá mandá isso e aquilo outro, e tal; e fazê graça, fazê palhaçada pra pudê ter graça no movimento da coisa, né?

E aí, cada vez mais, organiza o “caboclo”, aí faz aquela máscara com a cabaça...

- Tem o “caboco”, põe aquela máscara, todo encaretado, com aquelas roupas meia feia, mode, pra fazê os tipo de palhaçada mesmo. Pra fazê graça vendo o movimento.

E aquele negócio de correr atrás das crianças? Aquilo é só pra assustar?

- É... é só pra fazê graça, não é pra maltratar ninguém, nem batê. É só pra fazer graça mesmo, só pra enfeitar a coisa.

Então, e o senhor gosta de participar desse samba?

- Gosto.

Faz por prazer? Por que gosta?

- Faço por prazer.

Como que se faz aquelas letras do samba? É inventada ou já tem essas letras?

- É inventada, a gente faz na hora. A gente veno assim, a veis a gente... vai assim numa brincadeira, quando chega lá acontece um... um evento. Daquele evento que aconteceu lá a gente faz uma chula. Faz, a gente faz uma chula daquilo. Agora mesmo recentemente, nós fomos num samba em Jacobina, chegou lá deu um “parangolé” medonho, lá de manhã cedo, e foi aquele trujejo brabo, e aí já tem a chula feita... desse evento. Aí a gente faz, daquilo a gente coleta e faz a chula.

E geralmente ela conta uma história né?

- É... com certeza. E esse samba mesmo foi um rapaz que veio de Jacobina convidá nós aqui pra fazê um samba lá, aí nós fomos. Aí quando chegamo lá deu um negócio disajeitado de dá que deu até briga. E aí... e aí agora eu fiz uma chula desse tal reis que eu fui. Aí agora conde... os menino acha até graça quando canta a chula, porque eu ainda canto, né?

O Senhor lembra um pedacinho? Dá pra cantar um pedacinho pra gente? Então o Senhor canta pra gente gravar isso aí que é importante. Não precisa cantar toda não, só um pedacinho pra gente saber, a chula da briga.

[cantando a chula] – “Eu vou cantar uma chula, o Arineu que mandô, contar o que aconteceu, com um grupo de sambado, de Serrolândia e do Junco, mande sambar tudo junto, foi Miranda que chamo./ Chegamo no Paraíso, onde o povo se incontrô, é na casa de Peixoto, assim Miranda falo, eu vou contar pra vocês, quem foi que canto o reis, e o samba começo”.

O Senhor tem mais alguma coisa a falar sobre isso? Falar um pouquinho sobre o samba na vida do Senhor, se é importante, como que o Senhor...

- É bom, o samba é importante pelo seguinte, porque é difícil em meio de samba acontecer desavença. Porque samba sempre é daqueles povo mais idosos, né? Sempre não é da juventude. A juventude é poucos que gosta dessas coisa.

Por que Seu Lerino?

- Não sei! É difícil se vê um cara jovem gostá de samba.

Mas desde de antigamente sempre quem participa do samba são pessoas mais velhas?

- Sempre é as pessoas idosas. Acontece que algum vai aprendendo, né? Mas muito difícil, mas assim... pra pessoas idosas mesmo, pras pessoa que gosta mesmo. Tem gente que num gosta de jeito nenhum, e então é assim. Agora a juventude gosta mesmo é de outras coisa, negócio de moda nova, pula-pula essas coisa. Agora, samba mesmo, a juventude é poucos que... sempre participam.

Quais são os principais instrumentos que o grupo do Senhor utiliza com o samba?

- É violão, cavaquinho, pandeiro, um prato e uma cuia, um prato e uma colher pra riscar; uma cuia pra bater com um pauzinho e o violão e pandeiro, cavaquinho e as palmas do povo, batendo palmas e a animação, de vez em quando, tomando uma pinguinha pra quem bebe e pronto.

A gente quer agradecer o senhor por essa entrevista, depois se o senhor tiver alguma coisa mais a falar o senhor pode dizer pra gente pra gente registrar esse momento. Obrigado por tudo, por essa entrevista aqui. Obrigado por ter contribuído com o meu trabalho.

(Entrevista cedida por Marcone Denys).

- Rodrigo, essa entrevista está muito rica. Ela fala até da Festa dos Reis que acontece todos os anos do dia primeiro de janeiro até o seis do mesmo mês. Seu Aurelino ainda cantou uma chula. Muito boa essa entrevista!

Muito criativa com certeza!

Outra festa muito importante é a de São Roque, padroeiro da cidade, que acontece no dia dezesseis de agosto. Olha Ana, antigamente esta festa era comemorada com mais entusiasmo, as pessoas se entregavam mais às coisas de Deus, mas hoje, apesar de nunca ter perdido a tradição, penso que falta alguma coisa para despertar a espiritualidade nos corações dos fiéis, espiritualidade essa que era sentida com mais veemência antigamente.

- Quer dizer que a festa não é bonita?

Pelo contrário, é uma das festas religiosas mais bonitas do nosso município...

Uhm, você fez, Ana, aquela entrevista com o pároco de Serrolândia que eu te pedi?

- Sim.

Pegue-a, por favor.

- Tudo bem... Parece que está aqui dentro desse classificador. Eu a transcrevi e imprimi... Ah, encontrei, está aqui!

Deixe-me ver!

- Nome Completo:

Carlos Eduardo Santis

- Quais são as principais festas religiosas que a Igreja Católica promove durante o ano no município de Serrolândia e suas respectivas datas?

É um ciclo de público da Igreja Católica no mundo. O ciclo da Páscoa, a festa central do cristão é a Ressurreição de Jesus e esse ciclo compreende a Vigília Pascal, a Ressurreição de Jesus, certamente que chamamos Cílio Pascal – quinta, sexta-feira santa e sábado de aleluia, sendo o centro da nossa vida cristã esse tríduo. E contamos depois quarenta dias para a segunda festa importante que é a Ascensão do Senhor e preparando para a vinda do Espírito Santo até depois, é aí que fechamos o Ciclo de Páscoa. Depois nós temos um segundo ciclo bem importante que é o Ciclo de Advento, que começa com o primeiro domingo de Advento, que é quando o anjo anuncia a Maria até um ponto alto que é a juventude de Jesus e a Festa de Reis visita dos Reis Magos a Jesus.

Então, Primeiro ciclo, Ciclo de Páscoa que é o centro da Liturgia Cristã. Segundo ciclo, Ciclo de Advento. Depois vem ciclo de padroeiro de cada comunidade e vemos que a Igreja Católica celebra os santos, as santas.

Outro ponto muito importante é a Quaresma, são os mistérios de quarenta dias depois a Semana Santa. Esses ciclos são importantes quando se entende, quando se respeita e quando se acompanha. É como um ciclo de um lavrador na roça, ele consegue sintonizar a sua vida com a vida da natureza. Se nós conseguimos acompanhar a nossa vida com o livro da liturgia você vai encontrar muito sentido no que se vive, não vai ficar por aí solto.

- O que você acha da participação das pessoas nessas festas? É intensa ou a participação é muito pouca?

Eu acho que a participação depende de muitos ou poucos, a questão da participação do povo que seja cristão, católico nas festas depende da sua convicção de fé, tem gente que vai para uma festa cristã e está meio para lá meio para cá, não consegue ligar a festa, a fé com a vida, vê uma festa

por um motivo de aniversário, mas isso não diz nada. Então, dentro das pessoas que estão na liturgia, depende muito o grau de fé, de amadurecimento de uma pessoa. É necessário prestar atenção, saber o que está celebrando, saber o sentido de todas as festas que estão ligadas umas com as outras.

Eu não posso dizer que uma igreja é muito amadurecida por estarem cheias de pessoas. Está amadurecida quando aqueles considerados crentes, manifestam sua fé de uma forma correta. O importante não é a quantidade, mas a qualidade.

- Como você descreve a participação dos jovens na Igreja católica e o que é preciso para chamá-los?

Bem, a participação dos jovens também depende, têm paróquias em que a participação dos jovens é muito viva, muito rica e a participação dos jovens deixa muito a desejar em outros lugares, praticamente nula. No caso de Serrolândia, eu acho que há uma participação muito inconsistente, há muita criatividade com música, com arte, mas não conseguem desenvolver por não terem orientação. Falta acompanhamento. Enfim, acho que aqui deixa a desejar, embora eu já conheço os valores e frutos de jovens que querem participar de uma igreja viva, renovada. Há pessoas também que estão com muita criatividade para que a igreja cresça.

- Que grau de dependência você descreve a população de Serrolândia em relação aos vícios?

Bom, em Serrolândia você encontra o que se encontram nas cidades vizinhas, que às vezes você tem maconha aqui que é uma forma sem futuro para os jovens, os jovens que não têm trabalho. Um grande problema é que, por exemplo, na colação de grau tem padrinho, madrinha, discursos bonitos, mas que na verdade depois disso não há uma esperança de emprego para a maioria dos jovens, então é uma tragédia isso. Então, numa situação de desespero, vem a maconha, ou cachaça ou o sexo irresponsável. São futuros obscuros, pois não puderam conhecer os verdadeiros valores e saber como esses valores podem ser

alcançados. O problema do vício, não é o vício, é a falta de cultura.

- Acerca do Pe. Alfredo Hasler, você tem conhecimento do seu trabalho aqui neste município, sendo ele, um dos primeiros padres que aqui morou?

Olha, o Pe. Alfredo é um símbolo para todos nós. Ele foi um homem de valor, um homem que passou cinquenta anos evangelizando, criando escolas pelo sertão do interior da Bahia, o sertão de Jacobina, então, ele serve de exemplo de um homem que deixou seus pais, deixou sua terra, pois nunca mais voltou para Áustria. Assim, o Pe. Alfredo é um exemplo para nós.

(Entrevista realizada em 17/10/2002).

Gostei da entrevista de Pe. Carlos.

É bom lembrar também que há muitas igrejas em Serrolândia além da católica e que fazem festas, shows. São a Igreja Batista Memorial, 1ª Igreja Batista, Templo Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Presbiteriana dentre muitas outras. O candomblé é muito presente na nossa cidade.

Bem, temos muitas outras festas que são comemoradas tanto em nosso município como em vários outros municípios da Bahia, do Nordeste e até de todo o Brasil. O São João, o São Pedro, o Natal, o Carnaval, Vaquejada, Rodeios, Cavalgadas dentre outras.

Rodrigo, você tocou no assunto em que queria comentar!

Qual assunto, André?

O São João antecipado de Serrolândia!

- Dizem que é muito legal, não é?

É sim. O famoso São João antecipado de Serrolândia, Arraiá du Licuri, é uma festa muito bonita. Foi criada pelo Prefeito Jaime Ferreira Franco no ano de 1992 e desde essa época, há muita música, farra, alegria, blocos...

- Isso é muito bom para Serrolândia, pois a cidade se torna mais conhecida.

Com certeza. Além dessa qualidade, essa festa dá à população de Serrolândia a oportunidade de se divertir e o que é mais importante, ajuda muito para o crescimento econômico do município com pousadas, barracas ambulantes, lojas de roupas...

Você disse, Ana, que eu não tirei nenhuma foto, mas fiz uma entrevista com Roberto Nogueira que é considerado o coordenador desse evento.

- Gostei de ver, André. Então me mostre.

Com todo prazer!

E aí, teu nome completo:

- Paulo Roberto Nogueira de Souza

Quanto tempo tem o Arraiá do Licuri?

- 10 anos.

Sabemos que a idéia de criação dessa festa foi do ex-prefeito Jaime Ferreira Franco. Como surgiu essa idéia? Se percebia que o povo de Serrolândia necessitava simplesmente de festa ou foi uma vontade, um desejo de mostrar a cultura do povo daqui, mostrar a cidade a outros lugares?

- Essa idéia do Arraiá do Licuri surgiu há dez anos como uma brincadeira, teve aquele que Flori fez, no antigo Centro de Abastecimento, São João do Galeguinho do Zolho Azul e então, a política aqui todo mundo quer ser melhor que outro, quer melhorar cada vez mais e o que aconteceu simplesmente foi isso: Jaime Franco entrou, ele já sabia da festa de São João que Flori havia feito e nós até tiramos aquela cobertura que havia no antigo Centro de Abastecimento e colocamos na quadra do Sol Nascente, foi daí que foi feito o primeiro Arraiá do Licuri. Agora, como surgiu esse nome? Esse nome foi brincando, para não colocar São João, vamos procurar uma coisa diferente,

Arraiá, mas arraiá de quê? O que Serrolândia tem é Ouricuri, e como é que o povo daqui chama? Licuri. Então resolvemos colocar o nome da festa de Arraiá do Licuri. Até hoje está Arraiá do Licuri. A cada ano que passa, procura-se um tema, procura-se aprimorar cada vez mais. E hoje é uma das maiores festas da região, não está perdendo para nenhum outro município em organização, atrações. Antes, tudo era feito realmente do ouricurizeiro, as barracas, a ornamentação, mas com o tempo houve a reivindicação dos vereadores que disseram que se continuassem desse jeito não ia ter mais nenhum pé de ouricuri daqui a alguns anos.

O povo de Serrolândia necessita sim, de muita festa e alegria, mas, mais importante que com essa festa possamos mostrar a cultura e o povo desta cidade às outras cidades da circunvizinhança, de toda Bahia e até ao Brasil.

Tem-se uma estimativa do ano em que foi recebido um maior número de pessoas no Arraiá do Licuri? Se sim, quantas pessoas em média?

Veja bem, você sabe que a cada ano que passa, vêm novas pessoas, de cidade vizinhas, do Brasil afora, quer dizer, a cada ano que passa tem pessoas de Serrolândia que está em São Paulo e divulga e têm outras pessoa que sacrificam até as férias só para vir para o Arraiá do Licuri, a cada ano que passa, aumenta. O ano passado, foi estimado mais de sessenta mil pessoas nos três dias, não vou dizer que foram sessenta mil pessoas em apenas um dia, foi estimado por metro quadrado mais de sessenta mil pessoas nos três dias e esse ano nós estamos querendo receber mais de cem mil pessoas.

Economicamente, você acha que o Arraiá do Licuri ajuda no desenvolvimento do município?

Com certeza, você que até as crianças que vendem geladinho, vendem bastante; aquelas pessoas que vendem pipoca, algodão-doce, caldo de cana, fazem aquela cachaça com aquela casca dentro, quer dizer, todo mundo ganha e o dinheiro fica aqui. Infelizmente, é preciso buscar cerveja

fora porque os depósitos daqui não suportam, pois são mais de duas mil caixas de cerveja, agora bebida quente... aquele material para tira-gosto... a carne... tudo isso fica, então, realmente, economicamente gera bastante dinheiro para o município.

(Entrevista realizada em 12/10/2002).

- É... não tem jeito, a cada dia que passa você me surpreende mais, André.

É o amor...

Pelo amor de Deus! Olha, vamos terminar por hoje que eu vou tomar um banho e mais tarde vou ali.

Risos...

Falando em festas, a banda Elipse tocou muitas vezes no Arraiá do Licuri, uma ótima banda.

E o que essa banda tem de tão especial?

Ela era uma banda da nossa cidade.

Que legal! Sério?

Com certeza. É uma pena que hoje já não existe mais. Há hoje alguns grupos que tocam em clubes, formaturas e festas particulares...

- Então isso é bom para Serrolândia.

É verdade. Mas muitas vezes, por falta de incentivo, esses acabam morrendo. Acredito ainda na volta da Banda Elipse, quem sabe um dia...

Eu e Ana ficamos conversando enquanto André tomava banho. De repente entra ele na sala.

Olha, acho que vou deixar para ir à rua mais tarde. Você vai sair à noite, Rodrigo?

Ainda não sei. Por quê?

É que eu gostaria que você fosse ali comigo...

Lá...?

Sim, Rodrigo, na casa de Meena...

- Parece que ele não está se importando mais, Rodrigo, com as nossas brincadeiras!

Sorte dele! Eu vou, mas depois dou um pulinho no quiosque e volto para casa.

Tá certo, então nós vamos umas oito horas. Cê vai, Ana?

- Não, Dré, acho que vou ficar em casa hoje. Estou pensando em ler um livro, escrever alguma coisa. Vocês sabiam que já tem quinze dias que estou aqui? Está muito perto de irmos, André!

Você fala assim, parece que está morrendo de vontade de ir embora!

- Não, mas eu tenho meus compromissos.

Depois dessas combinações, eu fiquei ouvindo som com André e brincando de ludo e Ana foi para o quarto ler o livro, ela disse também que ia dar uns telefonemas. Ana passou o resto do dia

lendo e nós jogando. Mais tarde fomos tomar café e tomar banho.

Meu Deus! Jogamos tanto, André, que não percebemos a hora passar!

Que hora é essa?

Sete e quinze.

É, acho melhor jantarmos, eu falei que ia à casa de Meena às oito horas.

Então chame Ana que eu vou pra cozinha.

Já no jantar...

- E aí, André, já está entrando na casa da garota?

Já, mas tudo muito disfarçado. Peraí, o que é que você tem a ver com isso, Ana?!

Vocês vão começar novamente?

Depois disso, até que Ana parou de aperrear o coitado do André, mas de quando em vez, ela olhava para mim, eu para ela e tentávamos nos conter para não rirmos. Depois que terminamos o jantar, Ana voltou para o quarto dela, disse que ia tomar banho, eu fui tomar meu banho e André ficou no quarto dele escolhendo uma roupa para vestir e ir ver sua amada. Quando saí do banho ele ainda estava indeciso...

O que é isso, André?

Ué, estou experimentando a roupa que devo vestir hoje...

André, nós só vamos ali na "6 de Maio", hoje é sexta-feira! Ana, corre aqui!

Cê vai chamá-la para quê, Rodrigo?

Ana chega à porta do quarto...

- O que aconteceu?!

André estava escolhendo a melhor roupa para ir ver Meena!

Gargalhadas de todos...

Mas tudo bem, André, vá tomar banho, já são quinze pras oito.

Vocês acabam comigo. Eu ainda desconto, Rodrigo!

Esperei André terminar de tomar banho e fomos à casa de Meena. André era a pessoa mais comportada do mundo na frente da garota, não parecia o André que eu conhecia. Mais um motivo para contar para Ana no dia seguinte. Despedi-me e disse que passaria no quiosque para ver se teria algum movimento. Os dois ficaram conversando.

- **Vamos sentar aqui no passeio, André.**

Ok.

- **Preciso te dizer uma coisa muito importante.**

Percebia-se a ansiedade de Meena, seus olhos brilhavam, André já presumia que alguma coisa de muito importante ela diria e com isso, ele acabou ficando nervoso também. Sai e os dois ficaram conversando.

Eu também tenho uma coisa importante para lhe dizer. Coisa que nunca aconteceu comigo.

- Então fale!

Não, inicie, fale pra mim o que você quer dizer, já tô ansioso.

- Sei que vai me achar uma idiota, mas eu já namorei muitas pessoas, às vezes fiquei, às vezes namorei por muito tempo, mas o que eu estou sentindo por você é diferente, acho que estou apaixonada por você!

Eu passei no quiosque, mas não havia movimento algum, então resolvi ir para casa e dormir. Mas essa revelação de Meena deixou o coitadinho do André sem palavras.

É... é... é... é mesmo?!

- Sei que posso ter me precipitado em dizer isso para você em tão pouco tempo que estamos namorando, mas não dá para controlar, o que eu sinto por você é muito forte!

O mais legal nisso tudo, Meena, é que eu ia dizer a mesma coisa, mas tinha certeza que não teria coragem de lhe falar quando eu olhasse em seus olhos.

- É verdade, André?!

Sim!!!

Os dois se abraçaram. Aquela reciprocidade de sentimento foi a marca para que os dois se firmassem e mostrassem um para o outro o que realmente estavam sentindo. Depois de conversarem, se despedem, André volta para casa e já

encontra Ana e eu dormindo, já eram doze e meia da madrugada.

No dia seguinte, no café da manhã...

Percebia-se a felicidade de André estampada em seu rosto, mas nem eu nem Ana sabíamos do acontecido para ele estar daquele jeito.

- O que aconteceu, Rodrigo, para André estar nesta alegria toda?

Você pergunta para mim, Aninha? Ele quem deve ter alguma coisa para nos contar. O que aconteceu, André?

Naquele momento, André agiu diferente, parou de rir e disse que tinha uma coisa para nos falar.

liihh! O que aconteceu dessa vez, André?

- Terminou com Meena?

É isso que você quer, Ana?

- Pelo contrário, você sabe que a única coisa que eu quero é a sua felicidade. Mas nos conte logo o que aconteceu?

Eu e Meena estamos namorando firme agora. Ela me falou coisas muito legais e eu falei coisas legais para ela também, a gente se entendeu melhor e achamos que estamos apaixonados.

- Não estou crendo! Meu Andrezinho, me dizendo que está apaixonado! Isso é demais!

Pois ontem você chegou quietinho na casa dela... Mas parabéns, muito bom mesmo, mas só casem depois que concluirmos a pesquisa, certo?

Risos...

Ficamos conversando por muito tempo na mesa. Conversávamos sobre vários assuntos.

- Gente! Precisamos voltar às nossas atividades!

Tem razão, Ana.

Acho que sim!

-Rô, eu estava pensando num assunto importantíssimo que devemos comentar agora.

Qual?

- Saúde. O que acham?

Perfeito. Hoje nós vamos dividir as tarefas.

Ontem quando eu estava voltando da casa de Meena, havia muito esgoto pelas ruas, muita lama correndo de um lado ao outro a céu aberto. Não há rede de esgoto aqui, Rodrigo?

Boa pergunta, André. Sei que não existe, quer dizer, cavaram as ruas aí um período, só do centro da cidade, mas não percebemos muitos resultados. Agora se eu pudesse lembrar de alguém que nos desse uma informação por que não há rede de esgoto...

- Será que alguém da EMBASA não nos informava?

Da EMBASA? Mas não é competência do Estado?

Já eu pensava que era competência da prefeitura. Vamos bolar algumas perguntas para o gerente da EMBASA ou para algum substituto dele, se não conseguirmos resposta à nossas dúvidas, procuraremos os outros órgãos para nos informar.

- Boa idéia. Vou criar as perguntas.

André, pegue a câmera fotográfica e fotografe esses pontos que você viu, melhor, tudo que é relacionado à saúde.

Agora!

Ana, não precisa ter muitas perguntas.

- Já terminei. Vamos?!

Vamos.

Ok.

Dirigimo-nos à sede da EMBASA. Chegando lá, não estava o gerente, mas havia uma pessoa encarregada de dar informações e substituí-lo em sua ausência.

Boa tarde!

- Boa tarde. Diga aí!

Nós estamos fazendo uma pesquisa sobre a questão da rede de esgoto em Serrolândia e gostaríamos de lhe perguntar alguma coisa, é possível?

- Pode, com certeza!

Seu nome completo?

- **Agnaldo Trindade Silva**

A questão da rede de esgoto na cidade de Serrolândia, é competência da EMBASA, da Prefeitura, do Estado ou de todos?

- **É competência, vamos dizer, do governo municipal exigir do governo estadual e o governo faz essa obra e a EMBASA toma conta.**

Então a implantação da rede de esgoto é competência da Prefeitura, no caso?

- **Não, do Estado.**

Ah, do Estado. E no caso, a questão de manutenção é da EMBASA?

- **É da EMBASA.**

(Entrevista realizada em 16/11/2002).

Obrigado.

- Obrigada!

- **Precisando...**

Saímos da sede da EMBASA e voltamos para casa conversando...

Há também o Hospital Luís Eduardo Magalhães. Depois da inauguração, não vou dizer que resolveu todos os problemas, mas amenizou porque a maior dificuldade que a população serrolandense enfrentava era a falta de um hospital, a maioria das vezes os pacientes precisavam ser transportados para a cidade de Várzea do Poço (aproximadamente treze quilômetros) ou de Jacobina (aproximadamente quarenta e cinco quilômetros) já que o posto de saúde da nossa cidade não dispunha de recursos para atender casos graves. Muitas pessoas ainda reclamam da dificuldade de se conseguir uma

ficha médica para consulta. De quem será a culpa e como resolver essa situação?

- É... Isso é um problema da maioria dos municípios pequenos, mas penso eu, e milhares de brasileiros, que saúde e educação são fundamentais para diminuir os problemas sociais. Precisamos de educação de qualidade e hospitais que atendam a população sem estarem superlotados.

Concordo mais uma vez com você, Aninha. Hoje, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serrolândia também tem clínico geral, médicos naturalistas entre outros profissionais. É preciso que todos ajudem de alguma forma. A Igreja Católica, através da Pastoral da Criança, ajuda muito às mães na criação dos seus filhos, dando a elas instruções acerca da importância da amamentação, como combater a desnutrição através de comidas naturais, tem também os Agentes de Saúde, eles têm um papel fundamental em dar instruções, principalmente à população carente do nosso município.

- Se o Sindicato ajuda de um lado, a Pastoral da Criança do outro, os Agentes de Saúde também, de quem será a competência ainda maior a assistência à saúde deste município? É bom pararmos para pensar um pouco. Você falou sobre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais daqui, não seria legal se fizéssemos uma entrevista com alguém de lá?

Boa idéia! [Particularidade à parte].

- Então vamos ao Sindicato?

Já no Sindicato...

Doutor Edvaldo Nunes da Cunha, nós gostaríamos de fazer uma entrevista com o senhor, é possível?

Risos...

- É preciso todas essas formalidades, Rodrigo?

Aninha, estamos a negócio! Mas está bem, vou melhorar. E aí, cara, a gente quer fazer umas perguntinhas para tu, tá beleza?!

- Agora exagerou nas gírias!

Mas vou começar assim mesmo. O nome não precisa falar. Para que serve o Sindicato dos Trabalhadores Rurais?

- Pra defender a classe trabalhadora. Defender os associados. A zona rural, qualquer problema e também aposentadoria, toda a defesa do trabalhador rural isso depende do sindicato, se não tiver o sindicato, não tem a quem ele recorrer. Qualquer uma dificuldade que tiver, a questão da roça ou qualquer outra coisa que tiver, precisando de advogado, tem que ser no sindicato. Cada categoria tem seu sindicato. Sindicato do trabalhador rural serve para defender o trabalhador rural.

E a questão do médico... Sabemos que o médico atende os três últimos sábados de cada mês aqui no sindicato. Quais são as dificuldades enfrentadas? Por que é que não tem um médico todos os dias?

- Porque antigamente, há cinco ou seis anos atrás, tinha convênio com o Estado [o Sindicato], aí não dependia da despesa do sindicato, o governo é que se responsabilizava com a despesa, mas aí terminou, acabou, não tem mais convênio com o Estado, aí tem que ser particular e a mensalidade não dá para cobrir um médico para ficar todos os dias. Então, a gente tá se isforçano, não sei se vai dar certo por causa das despesas que está muito grande. A gente tá tentando segurar três sábados por mês, mas pela dificuldade que tô veno, se não aumentar as coisa, não vai dar nem pra ficar três sábados.

Então quer dizer que não tem vínculo com questão de prefeitura também?

- É particular, com o dinheiro dos associados. Se os associados deixar de pagar, acaba...acaba médico, dentista, acaba tudo.

Mas o tempo que o médico está atendendo no Sindicato, já ajudou muitas pessoas?

- Ajudou muito. Ajudou porque muitas vezes para tirar uma ficha no posto [Posto de Saúde de Serrolândia] é a maior dificuldade do mundo e aqui, sendo sócio, já tem sua garantia.

(Entrevista realizada em 13/10/2002).

Valeu, cara!

- Vamos, Rodrigo, voltar para casa.

Em casa...

Rodrigo, eu andei pensando... acho que a gente devia falar mais um pouco sobre as coisas boas de Serrolândia.

É verdade, André. Na introdução ficou muito claro acerca da insistência do povo que fundou Serrolândia. Movidos pela fé, passaram a ver o monte como lugar sagrado, e em meio à seca que destruíra plantações, a falta de água para o povo e para os animais, insistiram e fizeram o famoso "roçado".

É comum em todo lugar existir pessoas boas e pessoas ruins. Aqui há pessoas honestas e trabalhadoras que realmente se esforçam para uma cidade melhor, muitos, apesar do êxodo rural, pegam no cabo da enxada e não têm medo de trabalhar.

Vemos também, como eu já até falei, os professores, com salários baixíssimos, são obrigados a trabalhar vinte, quarenta e até sessenta horas para conseguir sustentar a família, uma realidade não só de Serrolândia, mas de grande parte do Brasil.

Os feirantes também precisam ser lembrados, todos os sábados estão na Feira Livre, passam o dia todo, sob sol e chuva, muitas vezes nem se alimentam direito. Enfim, muitos trabalhadores que têm um trabalho digno, merecem ser lembrados como o povo de Serrolândia.

- Rô, e as fábricas de bolsas?

Bem lembrado, Aninha. As fábricas de bolsas são a economia de Serrolândia. Empregam muitas pessoas e já há mais de dez fábricas em nosso município. É muito importante isso. Ainda há fábrica de bebidas (Vinhas do Rio) e fábrica de fubá (Moinho Serrajara), dentre outras atividades artesanais que são desenvolvidas pela população serrolandense.

- Ainda gostaria de completar. Quando cheguei aqui, já me senti bem, parece que a cidade já me conhecia e me acolheu. E acho que André tem motivos também para dizer que adorou Serrolândia, não é, André?

É vero! Eu tive a mesma sensação que Ana. Agora tenho mais um motivo para gostar daqui.

- Só que eu tenho uma notícia para te dar!

- Qual?

- Voltaremos para Fortaleza provavelmente na sexta-feira. Já faz um mês que estamos aqui.

Eu não acredito que vocês já vão voltar!

- Rodrigo, você falou que seria um mês, hoje é segunda-feira e fez um mês. Acho que pesquisamos o suficiente, o resto é agora com você. Preciso voltar, já estão precisando de mim.

Tudo bem, eu a entendo. Mas pode ficar despreocupada, pois se esta obra for editada – que eu acho um pouco difícil – você será minha convidada especial.

- Eu tinha certeza disso, tinha certeza que você me chamaria.

- E então, Dré, já podemos pensar no que vamos levar de lembrança de Serrolândia? Voltaremos no lançamento do livro, certo?

André nada respondeu a Ana e foi para o quarto cabisbaixo. Eu olhei para Ana e ficamos assustados com a atitude dele. Ele passou o resto do dia no quarto, não quis conversar com ninguém, apenas ouvia canções e nem sequer, à noite, foi ao quiosque se encontrar com Meena. Mas não demorou muito, pois logo Meena chegou procurando-o. Ele ao menos quis ver a namorada. Quando contamos a ela o porquê de ele estar assim, ela teve a mesma atitude que André fizera mais cedo, voltou para sua casa chorando desesperada. Eu e Ana não sabíamos o que fazer.

A semana se passou, chegou sexta-feira e André e Meena não se viram nesse período. Ele ficou muito diferente, parecia muito triste. Ana foi obrigada a chamá-lo para arrumar as coisas.

- Dré, precisamos arrumar as coisas, já são oito horas e vamos viajar quatro horas da tarde.

Tudo bem, já vou arrumar.

Sua voz parecia trêmula. Eu e Ana, depois daquele dia, não interferimos em nada mais nem brincamos como costumávamos fazer.

Já eram catorze horas e André sequer falou que iria à casa de Meena, mas Ana não agüentou tanto silêncio.

- André, você não vai se despedir de Meena?

Triste, ele respondeu que não. Na verdade, eu não sabia como agir naquela situação, mas continuei calado. Às dezesseis horas eles partiram. Ele e Ana se despediram de mim, mas muito quieto, André entrou chorando no carro. Ana disse que assim que chegasse, ligava para mim.

Daquele dia em diante tudo ficou muito estranho, pois eles não se falaram, não se despediram e eu e Ana não entendemos aquela atitude.

Encontrava Meena na rua, mas nada me dizia, nada perguntava.

Quatro meses depois...

Estou almoçando, quando alguém bate à porta. André, com malas por todos os lugares. Cumprimentamo-nos e perguntei o que acontecera. Disse-me que veio para morar em Serrolândia.

Que surpresa, André!!!

Pois é, resolvi morar em Serrolândia. Pensei muito no que eu deixei por aqui e voltei para tentar conquistar.

Nós não entendemos a sua atitude nas vésperas da viagem...

Já ouviu falar em síndrome da perda? Inventei isso para explicar minha atitude.

Vamos entrar, depois você conversa. Deve estar querendo tomar um banho e comer alguma coisa...

Pelo que você me conhece, não gosto muito de comer...

Ah, ah, só Deus sabe... entre!

Depois que André tomou banho e almoçou, ele me contou muitas coisas.

E aí, como está o livro?

Está bem! O problema é só conseguir patrocínio, como sempre...

É o mais difícil mesmo. Olha, Rodrigo, no tempo que eu estava aqui lhe ajudando, nós só conversávamos mais sobre o livro, até porque eu não gostava de falar do meu passado. Tenho certeza que Ana não falou sobre meu passado para você, falou?

Não!

Pois é... ela sabia que eu não gostava. Mas agora resolvi que vou te contar tudo, contar tudo sobre mim para as pessoas que me mostraram confiança. Eu não tenho pai e nem mãe, quer dizer, não sei se eles existem. Morava com um casal que eu só devia dar explicações para onde eu ia, eles achavam que só isso era importante. Fui largado num lixão no centro de Fortaleza com três dias de vida, esse casal, por sinal muito pobre, me encontrou e passou a me criar como seu filho, mas sequer me registraram. Eu vivi maior parte do tempo na rua, às vezes eu conseguia alguma coisa para comer às vezes não. Não estudava. Um dia Ana me vê na rua e me chama, ela pergunta sobre a minha família... Sabe, Rodrigo, naquele momento eu sentei numa calçada, baixei minha cabeça e senti segurança em contar toda minha história para Ana. Daquele dia em diante, ela passou a me ajudar, a me visitar em minha casa e me colocou na escola, mas houve um dia em que cheguei em casa e os vizinhos me disseram que meus pais adotivos foram presos por tráfico de drogas. Sem saber o que fazer, simplesmente corri à casa de Ana. Ela resolveu cuidar de mim. Em troca, ela me pediu que eu estudasse. Prometi que não faria nada de errado. E assim, num ano, com um estudo intensivo e muita dedicação, já sabia ler, escrever e já a ajudava em tudo.

Gente! Não sabia de nada disso. Por que Ana não me passou essa informação quando eu a entrevistava?

Foi segredo por muito tempo. Por pedido meu, pois não queria sofrer preconceito. Hoje estou com vinte e um anos, completei mês passado, e conversei muito com Ana, que para mim é uma grande amiga, então resolvi voltar para Serrolândia. No início ela não concordou, mas depois percebeu como eu estava me sentindo.

Como eu não podia vir para cá sem emprego, trouxe o catálogo dos produtos que a fábrica dela produz em Fortaleza e eu serei o representante dela aqui em Serrolândia. Quero saber se posso ficar aqui em sua casa até encontrar uma casa para eu alugar.

Claro!

Telefone toca...

Alô.

- Alô, Rodrigo?

Ana! Que legal! Depois que viajou não ligou para mim!

- Oi, Rô. São os trabalhos. A produção aqui aumentou e eu estou acarretada de trabalho. Um "carinha", chamado André, apareceu por aí?

Já está aqui do meu lado. Inclusive já conversamos sobre muita coisa.

- É. Eu percebi a angústia dele e não podia ficar prendendo-o mais, mas qualquer coisa você liga para mim e me mantenha informada. Ele mudou muito nesses quatro meses. Está mais maduro, mais cabeça.

Legal. Farei isso. Quer conversar com ele?

- Quero sim.

Deixe-me passar para ele...

Alô.

- André?!

Oi.

- Foi bem de viagem?

Estou um pouco cansado, mas a viagem foi boa.

- Já foi ver a garota?!

Ainda não. Vou lá daqui a pouco.

- Está certo. Qualquer coisa ligue para mim, assim que tiver vendido alguma coisa, entre em contato comigo para mandarmos o pedido. Tchau e seja feliz!

Obrigado, tchau!

É, acho que vou dar uma descansada.

Descansada?! Você vem de Fortaleza para ver Meena e ainda vai descansar? Tá louco?!

Acho que você tem razão.

Vai agora, não espera mais tempo, não!

É verdade, irei agora. Tchau.

André saiu desesperado como se fosse a última vez que veria Meena. Quão grande foi a surpresa quando ele chegou, Meena não acreditava no que via. Abraçaram-se e conversaram por horas. Pediram desculpas um ao outro e contaram o motivo porque não se despediram. Depois de muito conversarem, André retorna para minha casa para tomar banho, era cerca de

seis horas da tarde e quando chegou disse que tomaria banho, pois marcou com Meena que se encontrariam no quiosque. Gente, esse quiosque...

Rodrigo, cadê você? Cheguei!

Tô aqui! E aí, como foi lá?

Foi muito legal, conversamos muito! Falei o que me levou a me despedir dela...

Mas eu ainda não entendi o motivo real de vocês não terem se despedido...

Rodrigo, quando Ana me disse que íamos embora, eu não vi possibilidades de rever Meena, então realmente não sabia o que fazer. Acho que não agüentaria se fosse me despedir dela.

Ah, sim. O engraçado é que ela passava por mim, dava só um bom-dia e nada me perguntava. Também nunca me atrevi em perguntar a razão que a fez não vir se despedir de você. Penso que foi bom de não ter perguntado, pois agora vocês puderam conversar, não houve nenhum problema e poderão continuar namorando.

É, Rodrigo, valeu cara por essa!

Pelo quê?! É melhor a gente tomar café, se não você pode perder o horário e seu encontro vai por água abaixo.

Ah, meu filho, não perco essa noite por nada no mundo!

Risos...

O mais importante de tudo é que a felicidade era perceptível nos olhos de André. Ele falava com mais firmeza e não tirava

Meena da cabeça. Eu estava muito feliz pela felicidade dos dois.

Saiu do banheiro muito apressado e sentou à mesa para jantar.

Calma, André! Ainda são seis e quarenta...

Acho que estou apressado demais, não é?

Com certeza. Chegando antes que Meena chegue ao quiosque é o mais importante. Acalme-se.

É mesmo, Rodrigo.

Eu sei que seu coração quer sair pela boca, mas segure-o pelo menos até o momento que estivermos aqui na mesa, senão não comerei mais.

Engraçadinho, como se você tivesse isso... Mas me conte, já terminou de escrever o livro?

Olha, aquelas pesquisas que fizemos, já estão todas prontas, mas outra história me interessou e eu resolvi colocar também no livro.

Ah, legal! Então eu quero ver!

Você só verá depois que essa história acabar.

Cara, sacanagem!

Sacanagem?

É, vai me deixar na ansiedade.

São estratégias!

Você só pode estar inventando...

Não posso ficar um dia sem inventar alguma. Quem sabe algum dia faço algo de útil...

Como assim?

Mudemos de assunto... Eu espero que esteja perto de acabar esse trabalho. O pior está por vir!

O que é?

O patrocínio, meu amigo. Muitas pessoas gostam do nosso trabalho, mas não têm condição de patrociná-lo, outras nem sequer acreditam que esse trabalho servirá para alguma coisa.

É verdade... Mas eu me amarrei nesse lugar, sabe?

Eu amo este lugar. É muito triste quando você vê muitos políticos administrando Serrolândia como se fosse aqueles brinquedinhos que se monta e se desmonta, na verdade não se pensa nas consequências, não se pensa no povo sofrido, marginalizado...

Concordo, Rodrigo. Se levassem a sério, a gente teria ainda mais motivos para viver aqui.

Por que tá dizendo isso?

Eu ainda não sei, pois o meu maior motivo de estar aqui é por causa de Meena, mas isso não é tudo. O primeiro dia que entrei aqui em Serrolândia, eu senti uma coisa legal, "maneira", como se a cidade me abraçasse.

André, é minha impressão ou você está falando mais de você, das coisas que você pensa?

Mas é justamente isso que tô tentando te falar. Esses meses que passei fora daqui, me senti vazio, senti vontade de voltar.

Gostei de tudo que você disse, ainda completo: não podemos ficar modelando coisas às necessidades dos outros enquanto que nós mesmos não somos felizes. A sociedade é muito hipócrita e você fica num labirinto tentando se adequar ao que o meio social lhe impõe, mas nem o sistema corre tão certinho para exigir um ser humano sem defeitos e totalmente racional.

Isso, mas quando a gente faz as coisas que nos tocam, tudo fica mais verdadeiro e a gente não se engana tanto com as coisas da vida. Sei que estou com Meena agora, mas amanhã, se por acaso chegar a perder, não vai ser por falta de tentativa e de arriscar numa coisa que sei que para mim, é sincera.

Pô, André! Você simplesmente me surpreendeu!

Ai ai, não ria!

Sim, mas para quem estava com pressa, já são sete e quinze.

Verdade?

Com certeza!

Então vou me apressar!

André agora estava mais comunicativo e ainda mais engraçado.

Que hora é essa, Rodrigo?

Você parece que queria morar no quarto. Atrasou bastante, já são cinco para as oito.

Meu Deus! Fui...

Valeu. "Hasta la vista"!

O cara parecia que ia se casar, saiu tão apressado que parecia voar. Eu estava torcendo por ele. Já pensou se ele soubesse qual história estou contando no livro além da história de Serrolândia? Me mataria!

Mas assim foi, sorridente, feliz, pro tão famoso quiosque – o ponto de encontro.

Passou na barraquinha de doces de Neci, comprou chicletes e balas. Ela ainda não havia chegado e ele estava muito feliz. Sentou em um dos canteiros do quiosque e a esperou. Quando ela chegou, os corações bateram forte e seus olhos brilharam. Abraçaram-se fortemente e beijaram-se.

E aí, como você está?

- Eu estou muito bem e você?

Agora estou ainda mais feliz!

Hummm, que *chick*, hein? Pareciam dois “pombinhos”. Conversavam e riam à toa. Parecia que aquele dia tudo se renovara, nada os impediavam de serem felizes.

Fui dormir, já eram onze e meia e ele ainda não havia chegado. À meia-noite e quinze ele chegou, silenciosamente abriu a porta com a chave que eu passara para ele, mas eu acordei apesar do pouco barulho que ele fez quando entrou.

Diga aí, André?

Eu te acordei? Desculpa!

Sem problemas.

Amanhã eu preciso te contar as novidades...

Ok.

Na manhã seguinte...

Rodrigo, preguiçoso, acorde!

O que foi, André? Eu só vou levantar agora porque tenho uma novidade para mostrar para você.

Para mim?

Isso mesmo. Enquanto você estava no quiosque com Meena, uma amiga dela me entregou essa carta e disse que era para você. Está nesse envelope.

E por que ela não me entregou ontem à noite quando nos encontramos?

Provavelmente porque não tinha coragem, pelo menos foi isso que a amiga dela me falou, inclusive eu nunca havia visto essa garota aqui em Serrolândia.

Por que não entregou ontem quando cheguei da rua?

Eu estava dormindo, acordei rapidamente e dormi novamente. Mas vai ficar discutindo ou vai abrir o envelope?

É mesmo. Vou abrir.

A carta enviada por Meena estava recheada de palavras doces e singelas. Muito bem expressada e mostrou realmente a sua timidez, mas também o sentimento que ela estava sentindo por ele.

Eu estou nervoso...

Gargalhadas de Rodrigo...

Por quê? Tá com medo de quê?

Abre para mim, Rodrigo?

Como é que eu vou abrir um envelope não destinado para mim e onde não sei o que está escrito?

Mas eu confio em você, abra, por favor!

Tá bem!

Enquanto eu abria o envelope, André ficava cada vez mais nervoso.

Pronto. Está aberto e aqui está a carta.

Se você já abriu o envelope, agora leia a carta!

Mas André...

Por favor!

Tuuuuudo bem!

A VERDADEIRA CONFIANÇA

Oi. Estou muito feliz por ter te conhecido. Estou me dando conta de que é preciso falar de verdadeiras palavras, de palavras que são proferidas com o coração.

Podem-se dizer inúmeros "te amos" e vários "te odeios", mas o mais importante é: "é ter aprendido a sentir", o que não é medido nem sequer possível em ser descrito.

E como incontáveis chances houve de dizer que a tua presença faz-me bem, mais uma vez repito que "a tua presença me faz bem".

Peço-te confiança e certeza de que estamos bem, pelo menos tentar ter a capacidade de sermos felizes.

E são tantos caminhos a percorrer que necessitamos nos conhecer e confiar mais. Não seria viável a mim, conhecerte, descobrir quem tu és, namorar-te, perceber que és a pessoa que quero e de repente falar que não dá.

Necessito da tua confiança para que possamos nos entender ainda melhor, pois percebo que és o que eu quero e és o que preciso.

Um dia diremos um ao outro "que bom que as palavras não foram capazes de expressar o que realmente sentíamos, pois o que agora sentimos foi descoberto com o coração".

Que venham as tempestades, que venham as pessoas, que venham os difíceis caminhos, porque só depende de nós para superar tudo isso.

Estou muito feliz por tudo que está acontecendo entre mim e você. O amor atíça, incendeia o coração, coloca-nos vulnerável a tipo de sentimentos vários.

Te quero!

Da sua namorada: Meena

Pô meu! Conseguiu conquistar a garota, André! Muito lindo esse texto! Espetacular!

Muito lindo mesmo!

Precisa agradecê-la mais tarde!

Claro que farei isso!

Os olhos de André brilhavam e eu senti que realmente os dois se amavam, apesar do pouco tempo que estavam juntos. Ele nem sequer quis mais tomar café, passou o resto da manhã ouvindo canções apaixonadas e muito feliz, contando somente besteiras e também falando em Meena freqüentemente. Na hora do almoço o assunto ainda era aquela carta que ele recebeu.

No almoço...

Olha, André, a hora que Meena quiser vir aqui, ela pode vir, certo?

Certo. Depois do almoço eu vou à casa dela agradecer pela carta e depois vou atrás de um ponto para montar o meu escritório. Você sabe, Rodrigo, onde há algum lugar para alugar que não seja muito grande, pois é só um escritório simples?

André... se eu não estiver enganado, há um ponto perto do Centro de Abastecimento Jaime Ferreira Franco. Vou ver direito e depois te falo.

Tá bom. Mas tenho outra pergunta para te fazer...

O que foi?

Quando eu cheguei ontem de noite, tinha um monte de papéis na mesinha do seu quarto e nesses papéis havia textos muito legais. O que é aquilo? Foi você que escreveu?

Sim, fui eu. É que estou escrevendo algumas poesias.

Poesias? Como se escreve poesia?

Boa pergunta. Não faço a mínima idéia. Não tenho uma fórmula mágica que me ajude a fazer poesias. Geralmente as poesias falam de você ou o que você percebe nas outras pessoas ou nas coisas do mundo, são inúmeras as situações que te fazem escrever.

Você me ensina a escrever?

É isso que estou dizendo. Não sei escrever nem tampouco ensinar. Mas gosto de escrever aquilo que eu penso e percebo.

Você pode treinar. Pense em alguma coisa que você vê ou sente e tente expressar isso em palavras. Entendeu?

Acho que quase...

Legal, “acho que quase”... Por exemplo, você não está passando por esse momento com Meena? Então, por que você não fala sobre ela ou sobre o que sente por ela?

Como aquela que ela escreveu pra mim?

Quase aquilo. Pode ser em forma de versos...

Versos é que rima?

Nem sempre... Vamos fazer o seguinte, escreva aquilo em que você se sente bem escrevendo e se identificará com as palavras.

Mas eu não tenho tanto conhecimento como Meena, aquela carta é muito bonita.

O que vai delimitar a “boniteza” da poesia não é se você escreve o português “correto”, mas o que as palavras tentam expressar. Hoje, André, há muitos compositores que não estudaram muito e, no entanto, compõem belíssimas canções que falam dos mais variados assuntos.

Acho que já estou me interessando por isso.

Quem diria... André gostando de poesia!

Ô, Rodrigo! Não faça isso!

Eu não estou fazendo nada. Te dou a maior força e que você continue interessado. As poesias lavam a alma. Quando você escreve um texto para um jornal ou uma revista, você usa uma linguagem e esta deve ter um português “certinho”, mas quando

you escreve poesia, you sente a sua alma ser transportada da sua mente ao papel. Por isso, um ponto básico e necessário para produzir uma poesia é a sinceridade. Isso é o que you está mais tendo no momento, eu penso.

Já sei, quando eu chegar da rua, de tarde, vou tentar fazer uma poesia.

Muito bem. Há pessoas que têm suas fontes de inspiração. Uns gostam de escrever no silêncio e em contato com a natureza, outros gostam de escrever ouvindo música e ainda há outros que gostam do barulho, do dia-a-dia corrido das grandes cidades...

Muito bom. Bem, acho que agora vou à casa de Meena.

Tudo bem. Quanto ao ponto que you está querendo alugar, you pode dar uma passada lá no "Mercadão", no bar ao lado, se informe melhor de quem é o ponto com o dono do bar.

O bar fica do lado?

É sim.

Ok.

André se dirigiu à casa de Meena, muito feliz. Foi agradecer a ela pela carta que ela mandara. Quando bateu à porta, foi justamente a garota quem o atendeu.

Olá, Meena!

- André?! Milagre you por aqui a essa hora...

Estou aqui para agradecer pela carta que you mandou para mim ontem de noite!

- Oh, sim. Você gostou?

Como eu não gostaria? Achei muito bonita.

Mais uma vez os “pombinhos apaixonados” conversaram por um longo período, mas André precisou se despedir, pois tinha que ir atrás do lugar em que alugaria para montar o seu escritório.

Preciso ir agora. Estou procurando um lugar para alugar para montar meu escritório.

- Que legal! Tá bem, tchau!

Tchau, até de noite!

- Até!

André não procurou muito, pois o lugar de que eu falei deu certo e logo ele montaria seu escritório. Voltou para casa e veio me contar as novidades. Eu estava na varanda da minha casa escrevendo.

Rodrigo, consegui alugar o ponto. O dono disse que só vai arrumar algumas coisas: pintar, trocar o piso e vai me entregar na segunda-feira.

Muito bom. Mas como será esse escritório?

Muito simples. Vou arrumar um espaço para colocar os produtos de encomenda e comprarei uma mesa simples de escritório.

Mas você vai vender nas casas também?

Vou. De início, pela manhã eu vou ficar no escritório e de tarde abrirei só até as três horas porque depois vou sair nas casas apresentando os produtos.

Boa idéia!

Depois, se der tudo certo e o serviço aumentar, eu contrato alguém para trabalhar lá e passo o dia todo vendendo tanto na sede quanto no município de Serrolândia e nas cidades vizinhas.

Mas como fará isso? A pé?

Ah, brother! Eu pensei em tudo quando saí de Fortaleza. Trouxe dinheiro para comprar uma moto. Aí vou fazer catálogos e levar para que os clientes vejam os produtos, vou levar algum produto na minha bolsa também.

Assim sim. Estou gostando da tua determinação. Parece decidido a encarar essa função de cara.

Lá em Fortaleza eu fazia quase isso. Acho que não vou ter dificuldade. Ah, me lembrei, preciso ligar para Ana pra pedir que ela mande as amostras recentes.

Pode ligar. Use o telefone da sala, hoje pela manhã tentei fazer uma ligação com o do quarto e não consegui. Diga a Ana que mandei beijos.

Tá.

André ligou para Ana, conversaram por muito tempo. Era fácil perceber a felicidade que André estava sentindo.

E aí, conseguiu falar com Ana?

Consegui. Mandou um abraço pra você. Disse que está morrendo de saudades. Disse também que uma hora que estiver em casa, vai ligar pra você.

Legal. Também tô morrendo de saudade dela. Mas está tudo bem por lá?

Disse que sim. Só está sentindo minha falta, mas falei que assim que as coisas se estabilizarem, eu vou visita-la. Sabe, Rodrigo, eu sei que Ana tem condições suficientes para me sustentar porque foi isso que ela falou quando falei que eu ia voltar pra Serrolândia, mas falei pra ela que eu precisava conquistar meu próprio espaço e que não tinha sentido ser sustentado por ela, nunca fugi do trabalho, não seria agora que eu ia fugir.

Você tem toda razão. Tenho certeza que se você precisar financeiramente dela algum dia, ela lhe ajudará, mas por enquanto...

Com certeza... Mudando de assunto, vou agora tentar escrever as poesias que falei. Preciso ir à livraria pra comprar um caderno ou alguma coisa parecida pra escrever...

Não precisa. Na gaveta pequena do rack do meu quarto há um bocado de bloco de anotações que vai te ajudar. Caneta tem lá na sala que você sabe onde fica.

Valeu!

Eu estava escrevendo na varanda a tarde toda e André escrevia no quarto com o som ligado. Já eram cinco horas da tarde quando um grito dele...

Rodrigo, Rodrigo, acho que consegui.

Ele veio correndo até onde eu estava, fiquei assustado, mas depois me acalmei quando o vi com umas folhas de papel e o lápis à mão.

Suei muito, queimei todos os meus neurônios, mas acho que consegui fazer uma poesia. Pode ler?

Pode. Leia!

Lá vai:

*"Meu coração está assim
Cheio de confusão
Pois quando olho pra ti
Me vejo no teu coração*

*Nas ruas quando ando
Penso logo em você
No meu coração eu não mando
Nunca quero te esquecer*

*Hoje sei que desejo estar contigo
Quero um forte abraço
Já não sou mais teu amigo
Caí no teu laço*

*E agora finalizo esta poesia
Pois preciso trabalhar
Com muito amor e alegria
Para sempre vou te amar".*

E aí, o que achou?

Se a sua preocupação era com a fórmula de fazer poesia... Está excelente! Parabéns! De agora em diante é só escrever mais. Se quiser passar para o computador as poesias que está escrevendo, pode.

Valeu, cara!

Uma bonita por sinal.

Vou escrever mais depois. Vou contar a Meena hoje quando for pra casa dela. Vou chamar pra me ajudar na arrumação do escritório amanhã.

Tenho certeza que ela vai te ajudar.

Estava sendo muito legal a alegria estampada no rosto de André. A sua poesia, tudo que ele estava passando no momento. Muito bom vê-lo assim.

Depois do jantar...

Rodrigo, vou ver Meena, estou ansioso para contar as novidades para ela!

Valeu, André. Dê um abraço nela, diga que fui eu quem mandou.

Cê acha o quê, acha que vou dar só um abraço?

Com certeza não, mas acho que tenho o direito de ser educado e não mandar pelo namorado da moça mais de um abraço! Está bem, mando um abraço, um beijo, um aperto de mão...

Êpa! Tá bom! Vou dar só o abraço mesmo. Fui...De noite eu quero tentar escrever de novo e quero dicas!

Valeu! Até mais!

André saiu contentíssimo à casa de Meena, seu sorriso era irradiante, nunca vira alguém tão feliz daquela forma, exceto os felizes de nascença, os que já nascem rindo... [brincadeira].

André já na casa de Meena...

Boa noite Meena!

- Boa noite!

Estavam na sala não só Meena como também seus pais, todavia apenas a namorada de André respondeu, uma resposta à saudação muito fria por sinal. Mas André estava tão feliz que nem sequer percebeu o quanto a garota estava estranha. Ele foi sentando na calçada, lugar onde sempre ficavam, e começou a falar sobre a poesia que havia escrito.

Meena, você não sabe o que eu fiz hoje depois, que fui atrás de um ponto para alugar para montar o meu escritório... escrevi uma poesia. Rodrigo leu e disse que estava muito legal... Peraí, é minha impressão ou você está estranha? O que aconteceu?

Depois de um certo tempo que André conversava com Meena e ela nada respondia, foi que ele percebeu o seu comportamento, então resolveu perguntar por que ela estava daquele jeito, mas recebeu uma resposta sem nexos.

- Nada não. Só estou com um pouco de dor de cabeça.

Cê fica sempre tão feliz com a minha presença, todas as noites que aqui você vem me receber alegre e agora está tão triste. Não quer realmente me dizer o que está acontecendo?

- Olha, André, eu estou com uns problemas familiares, contarei a você, mas não hoje. Preciso dessa noite para pensar um pouco e prometo que amanhã à noite eu te conto tudo, certo? Mas agora eu preciso entrar, estou um pouco confusa...

Meena entrou chorando para sua casa e nada mais falou para André, o que o deixou muito confuso também. Simplesmente, muito cabisbaixo, levantou da calçada e voltou para casa após meia hora de ter saído ao encontro com a garota de seus sonhos. Eu estava em meu quarto quando André entra muito triste.

Vai chover... O que é que você faz aqui a essa hora? Você acabou de sair?

Nem eu sei, Rodrigo. Cheguei na casa de Meena, fui contar as novidades pra ela e simplesmente ela disse que estava com uns problemas familiares e que não podia me contar naquele momento, só me contaria amanhã.

Mas, André, deve ser qualquer confusão que todo jovem passa com a família, isso vai passar; você vai perceber que amanhã à noite, quando você for à casa dela, tudo vai estar bem. São situações que todos enfrentam...

É, Rodrigo, espero que você tenha razão. Não sei nem se vou conseguir dormir esta noite.

Tenha calma. Você não disse que ao voltar, escreveria para treinar suas poesias? Então se estiver com vontade, escreva um pouco.

É... Só não queria escrever por esse motivo...

Eu mesmo estou aproveitando esse tempo que estou de férias de meu trabalho para escrever, ouvir música, fazer nada... [risos meus]. Não fique assim, cara. Tenho certeza que amanhã você terá um dia melhor.

Valeu, Rodrigo. Acho que vou seguir o seu conselho. Vou tentar escrever mais alguma coisa.

Toda a alegria que estava em André, parecia que havia desmoronado. Ele estava muito triste. Sentou-se na área e começou a escrever, agora num bloco com folhas alvas que eu havia dado para ele.

Não demorou mais que meia para que ele me chamasse.

Rodrigo, venha aqui!

Diga!

Acho que consegui escrever outra poesia, agora sem rima...

Leia então!

Bem, eu procurei um título que fosse pequeno, mas que falasse muita coisa.

E qual é o título?

"E..."

"E..."?

Sim, tem algum problema?

Não, claro que não! Leia para mim e então entenderei o que esse título quer dizer.

Ok.

"E..."

E.. mesmo sem querer sentir... senti

E... mesmo sem querer descobrir... descobri

E... mesmo sem querer construir... construí

São coisas...

Gestos...

*Palavras...
Situações...
O feio pode se tornar belo...
A distância se torna inexplicavelmente acessível...
As diferenças formam um todo espetacular...
A presença... sensação sem limites...
O futuro simplesmente algo ainda inimaginável...
A impossibilidade atingível...
O choro... o único consolo
A expectativa... esperança
E...
E assim vamos vivendo por palavras...
E pelo doce poema
Pela insuficiência de sentir...
Mas pelo amor amado
Pela desobediência aos bons ditados...
Mas pela fragilidade de perdoar
Pela dor de não poder completar...
Mas pela fé na existência do amanhã
E...
E assim subsistimos
Construímos...
Desorganizamos...
Arrumamos e desarrumamos...
Somos e mais vezes estamos...
Queremos e temos e não temos...
E...
E assim escrevemos para mostrar o que sentimos
Mas mais vezes para mostrar o que vemos, o que vimos...
Sabendo que amanhã serão outras palavras...
Serão outras questões...
Serão outros propósitos...
Mas sempre recordando um sentimento sem um outro
sentimento!"*

Está muito legal. André, você arrasou. Estou surpreso com tanta expressividade! Parabéns! Você simplesmente não pode parar de escrever!

Verdade?!

Claro!

Obrigado.

Que esse texto não seja o último, mas que você consiga produzir muito mais como este!

É, acho que vou dormir. Espero que amanhã seja um dia mais tranquilo e que o problema de Meena seja só problema familiar realmente...

Pode dormir em paz, tenho certeza que amanhã ela vai conversar melhor com você e os problemas irão terminar [eu espero]. Boa noite!

Boa noite, até amanhã!

A poesia de André superou minhas expectativas, estava muito legal. Mas na verdade eu estava preocupado com o modo como Meena se comportou segundo ele falou. Será que viriam problemas? Resolvi ligar para Ana e conversar com ela, contei toda a história. Ana achou melhor que eu procurasse saber o porquê de Meena estar daquela forma, mas achei melhor que André a procurasse primeiro no dia seguinte, já que poderia não ser uma coisa muito grave.

No dia seguinte, no café da manhã...

Bom dia, André! Está melhor?

Sim, tô.

E aí, vai arrumar o escritório?

Não. Preciso ver Meena primeiro, depois eu organizo minha vida.

André, não a sufoque! Pode ser que ela realmente precisa de um tempo para pensar, se você fica muito no pé dela, acaba afastando ainda mais!

Acho que você tem razão.

Ela falou para você ir à casa dela à noite? Então vá a casa dela à noite!

Com certeza, mas acho que não estou com cabeça para arrumar nada hoje... depois eu vou na casa do dono do ponto, me desculpo e marco outro dia.

Você me apresentou sua poesia e agora é a minha vez. Acho que representa a sua situação e abre seus olhos um pouco.

Lá vem o sermão!

Quem sou eu para te dar sermão? Quer ou não quer escutar minha poesia?

Sim mestre!

Risos...

Ok, então vou ler...

"Os sonhos

Não se sabe o porquê

Não se sabe como acontece

Simplesmente acontecem

Há uns férteis

Há outros distantes da nossa realidade

Num dia nos faz feliz
Num outro nos entristece
Muitas vezes comunicáveis
Por outras vezes intransmissíveis
Sempre estão presentes
Sempre te fazem sentir inconscientemente
Algo estranho
Algo fantástico
Algo fascinante
Algo também muito doloroso
Um dia aquela garota passou pela rua
E alguém sonhou
Num outro dia aquele garoto passou pela rua
E alguém sonhou
Em outra noite, ambos dormiam,
Ambos sonharam
E assim se vive
Sonhando e realizando
Sonhando e se decepcionando
Sonhando e sorrindo
Sonhando e chorando
Sonhando e crendo
Na certeza de que viver pode ser um sonho”.

Legal! Acho que você tem razão. Todos precisam passar por problemas para conseguir enfrentar outros problemas até piores futuramente.

É assim que se fala, amigo!

Valeu!

Durante o dia, André não parava em um lugar da casa, andava por todos os lados. Ele estava só esperando chegar a hora de ir à casa de Meena.

Quando chegou o jantar, o garoto apaixonado comia mais rápido que um relâmpago, depois de jantar, arrumou-se e saiu.

Rodrigo, fui...

Boa sorte!

Brigado!

Quando André chegou à casa de Meena, ele foi recebido pela garota da mesma forma que a noite anterior. Sentaram no passeio como de costume e começaram a conversar.

E então, está disposta a me dizer por que você está tão estranha assim?

- Tudo bem, André. Olha, é que meu pai, por causa de seu trabalho, será transferido pra uma cidade do sul do Brasil daqui a um mês e não poderemos nos ver mais. Mais uma vez o destino vai nos separar...

Por alguns segundos sem respostas, André fica pensativo, mas não hesita em deixar a lágrima escorrer dos seus olhos.

Meena, o que você está me dizendo é muito sério. Eu não estou acreditando no que está acontecendo comigo. Preciso da sua sinceridade, preciso que você seja sincera comigo...

- Claro que serei sincera com você, André! Fale, vamos fale logo!

Você me ama?

- Claro que te amo. Por que é que estou nessa angústia que me corrói desde ontem. Te amo de verdade!

Então vamos simplesmente viver o nosso amor. Falta um mês para que você vá embora e daqui pra lá a gente pensa em alguma coisa. Diz pra mim que não vai desistir do nosso amor!

- Não, eu não vou desistir do nosso amor. Você fez um sacrifício em vir morar aqui em Serrolândia por minha causa, agora é minha vez de enfrentar meus obstáculos!

Muito obrigado! Eu te amo, te amo de verdade. Nada vai separar mais a gente.

Depois de conversarem, se abraçaram e, mesmo que por pouco tempo, continuaram a viver o amor que um estava sentido pelo outro. André volta para minha casa.

Rodrigo, você não sabe o que aconteceu...

Vocês se entenderam?

Estamos num beco sem saída...

O que você quer dizer com isso?

Nós não sabemos o que fazer... quando é resolvido um problema, aparece outro.

Me conte logo o que aconteceu! Não faça todo esse suspense.

Os pais de Meena viajarão daqui a um mês para uma cidade no Sul do Brasil.

Verdade?!

Sim. Estamos sem saber o que fazer.

Mas agiram como adultos agora, não é?

Fomos muito adultos dessa vez. Prometemos um para o outro que dessa vez não vamos nos separar, nada vai nos separar.

André, você não acha que está indo longe demais?

Não, Rodrigo, o que eu estou sentindo por Meena é muito forte, quando estamos juntos não queremos nos separar e eu não vou me separar dela nunca mais.

Você quem sabe...

Quando tudo parecia ir bem, surge mais um problema. Agora, tanto Meena quanto André, estavam dispostos a enfrentar todas as dificuldades, só não sabiam como. Conversei com André por muito tempo e já percebia o seu semblante carregado de tristeza. Não me sentia muito feliz com tudo aquilo, mas não me metia. Opinava às vezes, dava um conselho, mas nada além disso.

No dia seguinte, no café da manhã...

E aí, André, pensou muito no que conversamos ontem à noite?

Muito, por sinal. Nem dormi direito. Acho que encontrei uma única solução para que eu não perca mais uma vez a pessoa que eu amo...

O que seria?

Os pais de Meena não vão ceder para que ela fique aqui, tá na cara; muito pior, não me deixarão ir com eles, além de tudo, eles não estão tão de acordo com o nosso namoro, então...

Não vá me dizer que é o que estou pensando?

Acho que é isso mesmo. Eu vou pra Fortaleza com Meena. Vou fugir com ela!

Você tá louco, André?

Não sei se é loucura, mas vou conversar com ela e só depende do que me disser. Não posso esperar mais tempo, vou lá daqui a pouco.

Eu não posso dizer mais nada, não concordo com isso, mas já percebi que não importa o que eu disser nesse momento, quando você encasqueta com algo... haja paciência, ninguém tira a idéia de sua cabeça. A única coisa que posso fazer é torcer por vocês. Mesmo não concordando com essa loucura.

Valeu! Acho que vou lá.

André saiu feliz à casa de Meena, mas muito preocupado também. Foi a única solução que ele encontrara, todavia estava com muito medo. Eu mesmo não disse nada. Acho que não tinha esse direito. Ninguém é capaz de interferir no amor entre duas pessoas...

Já na casa de Meena...

André bate à porta quando Meena abre. Já se beijam ardentemente.

Tá sozinha?

- Estou, meus pais estão trabalhando. Mas o que aconteceu? Por que você veio aqui tão cedo?

Precisamos conversar muito sério...

- O que aconteceu? Conte logo, já estou ansiosa?

É o seguinte, na noite passada eu pensei muito, tava procurando uma solução para que a gente não se separasse, quer dizer, eu nem dormi, e cheguei a única solução...

- Qual?

Não adianta você esconder, mas seus pais não vão permitir que você fique em Serrolândia comigo já que eles não vão morar aqui mais, não é verdade?

- Olha...

Por favor, Meena, não é hora para "enrolações"!

- É, você tem razão.

Então, o único jeito que temos, é que você fuja comigo pra Fortaleza!

- Tá doido?

Como tô doido? Pense em alguma outra forma... não tem!

Meena pensou por algum tempo e acabou concordando com André, apesar de estar muito amedrontada com aquela idéia.

- Acho que você tem razão. Não sei, é muita loucura, preciso pensar...

Mas Meena, não temos tempo, precisamos organizar ainda algumas coisas.

- É, você tem razão! E quando vamos?

O mais rápido possível. Daqui a dois dias.

- Dois dias? Está muito próximo?! Eu estou com muito medo!

Meu amor, você confia em mim?

- Com certeza!

Então a gente vai daqui a dois dias, agora tem que ficar de bico calado, não comente com ninguém. Nós vamos viajar na sexta-feira no ônibus que vai pra Feira de Santana. Não arrume nada agora. Se quiser levar algum objeto que você goste, deixe pra colocar na bolsa minutos antes de sair. Combinado?

- Tudo bem.

Beijo.

- Beijo.

Meena ficou muito nervosa e André muito contente por ela ter aceito sua proposta. Ele voltou mais confiante para casa e me falou o que ocorrera na conversa dos dois.

Rodrigo, Rodrigo!!!

O que foi, tá doido é?

Meena topou!

Sério?!

Sério! No início ela ficou com medo, mas depois quando eu expliquei pra ela que essa era a única solução, ela aceitou.

Legal. Lembre-se que eu não estou de acordo com tudo isso, só torço pela felicidade de vocês dois.

Valeu!

E vão quando?

Sexta-feira, no ônibus que sai cinco horas da manhã.

Mas já?! Por que essa pressa?

Não podemos perder tempo. De repente os pais dela resolvem ir antes...e aí?

Vocês quem sabem...

Estava contente e triste pelos dois. Aquilo não terminaria tão bem como eles imaginavam. Pensei em ligar para Ana, mas, mais uma vez, prometi que não interferiria na decisão e nas ações dos dois. Realmente eu via que os dois se amavam e precisavam ser felizes, se havia alguma coisa que os impedia de ser feliz, eles precisavam lutar para superar esse obstáculo, não podiam se separar mais uma vez. Todo o resto da quarta-feira foi passado com muito esforço por André, ele arrumava as suas coisas, escrevia, lia, ouvia música, roía as unhas, não sabia o que fazer ao certo.

No jantar...

André, você não acha que é melhor ligar para Ana?

Rodrigo, não vou ligar e, por favor, não ligue!

Vou lhe ser sincero, pensei realmente hoje à tarde em ligar para ela, mas acho que não tenho esse direito, se você acha que não deve ligar, também não ligarei.

Eu sempre vou te agradecer, Rodrigo, pela força que você está me dando.

Força sim, mas não concordo, deixo isso bem claro!

Tudo bem, eu entendo.

Seria bem melhor se aquilo não estivesse acontecendo, mas também eu não via outra possibilidade de permanecerem juntos. Já que se amavam realmente, aquela loucura era coerente. A quarta-feira passou e sempre estavam a combinar tudo minuciosamente para que nada desse errado. André quis me dizer como tudo seria, mas preferi não saber, assim não seria cúmplice de tudo aquilo. Na quinta, o garoto apaixonado ficava de todas as cores: vermelho, amarelo, branco, andava por toda a casa conversar besteiras. Enfim, chega a quinta-feira à noite.

Rodrigo, acho que vou dormir...

Se conseguir, você é um rei.

Risos...

Eu quero agradecer por tudo que você fez e está fazendo por mim.

Como você diz: "Valeu"!

Amanhã de madrugada ela vai vir pra aqui. Achei melhor porque se eu for pra lá, pode ser que os pais acordem.

Falar em acordar. Eu quero acordar para ver vocês saírem.

Tudo bem.

André foi dormir e eu fiquei na sala muito pensativo com tudo o que estava acontecendo. As atitudes, as loucuras, a paixão repentina, o risco, passei a pensar em tudo. Depois de algum tempo, resolvi dormir também. Certo de que acordaria com o barulho que André faria quando ele acordasse, não liguei o despertador. Enganei-me, silenciosamente ele acordou, colocou as malas para o lado de fora e esperou Meena na calçada. E foram. Quando levantei já eram sete e cinquenta da manhã. Na porta do meu quarto havia um papel que dizia: "Valeu". Assim, fugiram e foram viver felizes ou infelizes. Eu sabia que os pais de Meena me procurariam, que não seria fácil dizer alguma coisa para eles, mas estava feliz por ter dado certo. Não demorou muito para que o pai de Meena batesse à porta de minha casa.

- Cadê aquele vagabundo?!

Quem é o vagabundo?

- Aquele que dizia que namorava minha filha. Ela deixou esse bilhete em cima da cama. Como isso pôde acontecer?

No bilhete estava: "Pai e mãe, sei que nunca me perdoarão, mas precisei correr atrás de minha felicidade. Fui viver com André em algum lugar, não sei onde ainda. Um beijo de sua filha: Meena."

Fiquei muito triste quando vi o desespero daquele pai, mas também pensava na felicidade dos dois. Ele me implorou que não dissesse onde eles estavam. Não tive como esconder totalmente, disse apenas como foram, não para onde.

- Sei que você tem quase a mesma idade daquele moleque, e talvez você não saiba a dor que eu e a mãe de Meena

estamos sentindo neste momento. Desculpe-me por ter sido mal educado quando cheguei aqui, mas a única coisa que quero, é trazer a minha filha de volta, não farei nada de mal aquele garoto apesar da sacanagem que ele fez. Por favor, Rodrigo, me diga.

Movido por aquele pedido de pai, que estava sofrendo, resolvei contar, mas só a metade. Eu estava muito confuso, já não sabia em que lado estava.

Olha, seu Edson, eu não sei qual é o ponto final deles, mas eles pegaram o ônibus que sai às cinco horas para Feira de Santana e me disseram que lá resolveriam para onde iam.

- Obrigado!

Edson saiu apressado, pegou seu carro e nem sequer disse a sua mulher para onde ia. Ele se dirigiu à cidade de Feira de Santana. Eram mais ou menos oito e trinta da manhã. Eu fiquei bastante confuso com tudo porque não sabia mais o que eu queria que acontecesse. No meio dessa confusão, liguei para Ana e contei toda a história, ela ficou desesperada com a atitude de André e disse que eu fiz o certo em ter contado ao pai onde eles estavam, ainda afirmou que eu deveria ter contado toda essa loucura muito antes para ela. Tentei dar uma desculpa qualquer, mas logo ela disse que não era mais o momento para desculpas.

Meena e André chegaram a Feira de Santana às nove horas e trinta e cinco minutos. André foi ligar para Ana, pedindo que ela depositasse um dinheiro em sua conta para que ele comprasse a passagem até Fortaleza. Enquanto ele falava ao telefone, o pai de Meena chega desesperado na rodoviária de Feira de Santana procurando por André, o encontra falando ao orelhão, cheio de rancor, retira uma arma do porta-luvas e aponta para André, com um tiro certeiro na nuca, Edson o mata, arrasta a filha para dentro do seu carro e foge. Mas, sem saber que

alguém avisara a polícia, ele volta pela BR-324, e na cidade de Tanquinho, a polícia o surpreende e o prende. Meena volta para casa da mãe desesperada. Ela não acreditava como tudo aquilo podia ter acontecido e tudo tão rápido. Ela não reconhecia seu próprio pai, nunca imaginara que ele teria coragem de cometer tamanha barbaridade.

Logo todos sabem da notícia, inclusive eu. O corpo foi levado para Fortaleza. Ana ficou desesperada com o que tinha acontecido.

Não sei se contribuí para que tudo isso acontecesse, só sei que Ana agora estava muito triste e eu também. Não havia possibilidades para que eu fosse a Fortaleza, mas sempre estava ligando para Ana, estava tentando confortá-la, o que nem sempre eu conseguia.

Não demorou mais que dois dias para que a mãe de Meena e ela fossem embora de Serrolândia. A garota apaixonada passou a viver isolada do mundo e sozinha, sempre pensando no seu grande amado, mas sabia que de agora em diante só podia tê-lo em seus pensamentos e em suas poesias.

Por falar em poesia, na verdade, daquela tragédia em diante Meena não fazia mais muita coisa. Seu pai foi condenado pela morte de André. E Meena guardava uma mágoa de seu pai, nem sequer o visitava na prisão.

A nossa queridinha passou por muito tempo apenas vivendo o seu amor não mais possível.

Nunca imaginei que depois de contar a história de Serrolândia, tudo isso aconteceria.

Resolvi, certo dia, visitar Meena na cidade onde ela passou a morar com sua mãe [não vou dizer onde para você não tirar conclusões precipitadas] e pedi a sua permissão para que eu colocasse uma de suas poesias neste trabalho, ela disse que não tinha problema.

O mais interessante em seus textos é que não só tratavam de assuntos sobre sua vida especificamente, mas havia muitos com assuntos diversos também, todos muito bonitos.

Abaixo escolhi esta poesia de Meena, achei muito interessante:

AS MOEDAS

*Um homem, chamado Lean, colecionava moedas
Ele fazia de tudo para ter a suas moedas sempre
conservadas
Tinha moedas de todos os países
De todos os tamanhos
De muitas épocas
De várias cores
Mas ainda não descobrira qual seria sua moeda de
estimação
Certo dia, por coincidência, veio morar perto da sua casa
um outro colecionador de moedas, conhecido por Ogir.
Ogir não possuía nem o terço da metade das moedas que
Lean
Lean tentava se aproximar de Ogir
E se mostrava com muita vontade de conhecer a sua
coleção de moedas
Mas como Ogir muito simples,
Não via oportunidades de mostrar a Lean a sua coleção de
moeda
Num outro dia, Lean bate à porta de Ogir e diz:
- Olá, sei que você é o novo vizinho e que coleciona
moedas. Será que seria possível eu conhecer suas
moedas?
Ogir disse que não havia problema nenhum
Ainda mandou que Lean entrasse que ele ia pegar as
moedas
Ogir, em sua humilde casa, foi ao seu quarto, e pegou suas
moedas
Moedas essas que estavam guardadas dentro de uma
pequena caixa de chocolate
Quão grande foi a surpresa de Lean quando o primeiro deu
uma grande gargalhada
Ogir perguntou o que acontecia
Lean simplesmente indagou:
- São estas suas moedas?
Ogir respondeu sem hesitar:
Pois, como você pode ver, estas são minhas moedas.*

E ainda completou:

- Cada uma dessas moedas tem uma história.

Lean disse:

- História?! Pois todas as moedas que eu quero, eu consigo, basta comprá-las!

Ogir afirmou:

- Pois todas as moedas que eu tenho, fui eu que as consegui, bastei conquistá-las!

Lean, sem entender o que Ogir quis dizer, perguntou:

- Como assim?!

Ogir disse:

- Nem sempre a quantidade é tudo. A história não se faz por quantidade. Cada recompensa se dá no que é conquistado com sentido. Para mim, quando você passa a buscar os seus preceitos, você passa a descobrir como é bom saber que tudo tem um sentido, só depende de você. Gosto das minhas poucas moedas, pois elas foram conquistadas, não compradas. E sabe pela qual tenho afeição maior? Por todas! São poucas minhas moedas, mas são minhas moedas conquistadas.

Daquele dia em diante Lean descobriu que sua coleção de moedas não tinha mais sentido e resolveu desistir daquela coleção. Resolveu colecionar selo. Até que alguém, mais uma vez, o mostre que seus selos devem ser conquistados...

E assim, meu querido leitor, fico triste pelo que aconteceu com André, mas fico feliz pelo material concluído.

Acho que transmiti o que queria.

Peço a você desculpas se não consegui transmitir o transmissível, mas tentei quebrar o inalcançável. Na verdade, apenas escrevo possibilidades, você nada em interpretações.

E quem disse que coisas ainda mais efervescentes não aconteceram? Pois é, se ele soubesse que seria pai...

Se não quiser ler mais nada abaixo, o livro termina aqui. Bye!

Muchas personas pueden elegir diferentes caminos, unos malos, otros por **gracia(s)**, por eso, tu destino, muchas veces, no es algo sobrenatural, pero es lo que eliges para tu existencia, para el resto de tu vida. Pues tú tienes derecho de vivir muchos sueños, sabes entonces **que** es la necesidad de tu alma que dirá si eres y si serás una persona muy importante, no digo de bienes materiales, pero si para una dimensión mucho más grande, la dimensión de la esencia de la vida, del corazón y de todo lo que es bueno que puede salir de ti y que puede venir para ti de todas las personas **que**, de algún modo, pueden enseñarte algo y que te aman. R. Reis.

After you read the text above completely,
read only the words that are in bold. It is another message for you.

APOIO:

WILSON OLIVEIRA

ESCOLA ARCO-ÍRIS

**ÉGIO MUNICIPAL ARIONETE GUIMARAES
DE SOUSA**

**INDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE
SERROLÂNDIA**

NELSON JOSÉ ARAÚJO

CLAUDENIR DOS REIS NUNES

ANTÔNIO RODRIGUES DOS REIS

VALDELICE DOS REIS CUNHA

KATHERINE RODRIGUES DA SILVA



Destinos se cruzam pelos
fatos, idéias e
relatos se encaixam em relances
históricos sobre Serrolândia.
E os acontecimentos paralelos
complementam a História
através de histórias.

12/2006